

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS –UFMG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAE
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS – FIEI

JOSICLEIDE PONÇADA SANTANA
(Tsayra Pataxó)

LUTA E VIVÊNCIA DO PAJÉ MANOEL SANTANA
DA ALDEIA PATAXÓ BOCA DA MATA- BAHIA

Orientador: Paulo Maia

Belo Horizonte
2022



Manoel Santana e seu mapa. Foto de Thiago Mota Cardoso.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a Deus que me sustentou esse tempo todo, e não me deixou fracassar.

A minha família, minha mãe Ana Maria de Jesus Ponçada que está sempre pedindo a proteção divina para nossa família, meu pai José Raimundo Santana, exemplo de liderança que hoje ainda segue firme estudando buscando conhecimentos, e foram pessoas essenciais para minha pesquisa, esse trabalho que tanto me orgulha.

As minhas filhas que é minha inspiração de sempre, pode buscar e fazer melhor por mim e por elas, e me fortalece para continuar meus estudos, aos meus irmão e irmãs, em especial a minha irmã Ektanay Sebastiana que muito me ajudou e contribuiu que esse trabalho fosse desenvolvido. sobrinhos, sobrinhas, minha vó Antônia e meu Avô Santana a pessoa que foi inspiração do meu trabalho.

Aos meus colegas que durante o curso formamos uma grande família, que não me deixaram sozinha no momento que precisei e que estava longe de casa, minhas comadres Bruna, Estefânia, Ana Carina, minhas primas Dária, Marines, minhas colegas Daniela Hã Hã Hãe, Inglis, meus colegas que ajudaram em geral, as minhas professoras Vanessa, Ilaine , Danielle minha eterna gratidão.

Agradeço aos entrevistados, Cacique Alfredo Santana, Cacique Carajé, Cacique Juradir, Cacique Guarú Braga, Cacique Nengo, Professora Taiane Ferreira, liderança Pisca Neilton e em especial meu pai José Raimundo Santana, professor e liderança da aldeia. Minha gratidão a esses líderes e professores do conhecimento tradicional pataxó, que me ajudou com seus conhecimentos de luta e vivência com esse grande guerreiro, eles foram minhas fontes de conhecimentos para meu trabalho.

A Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, por abrir as portas de oportunidades para nós indígenas, em específico a Faculdade de Educação-FAE.

Ao grupo FIEI que sempre está à disposição, ao meu orientador Dr. Paulo Maia que me ajudou e que com seu grande conhecimento, me orientou e ajudou na realização dessa pesquisa, por me permitir desenvolver esse trabalho, que servirá de fonte de pesquisas, para demais pessoas, essa biografia que servirá como material didático para escola da minha aldeia. Agradeço as pessoas que contribuíram com diálogos e vivências com o Pajé Manoel Santana, a minha aldeia Boca da Mata, os anciãos e ao meu povo Pataxó.

Resumo

O trabalho apresenta a história de vida de Manoel Santana, um ancião indígena da aldeia Boca da Mata localizada no extremo sul da Bahia, sendo um dos fundadores da aldeia, Manoel Santana se tornou uma pessoa muito respeitada e admirada pelas pessoas da comunidade, por seu modo de liderar e entender as necessidades da aldeia. A pesquisa aborda também a luta e vivência desse guerreiro na aldeia Mãe Barra Velha, lugar onde nasceu e cresceu, onde fez sua trajetória como liderança, ajudando sua família e seu povo pataxó. Escrevo sobre a saída de Santana da aldeia Barra Velha para Aldeia Boca da Mata, as dificuldades e conquistas enfrentadas para construir uma nova aldeia. O desafio em arrumar pessoas para liderar uma nova comunidade, desafios em reivindicar e pôr em prática seus projetos para ajudar as famílias de Boca da mata na saúde, educação e reflorestamento. Falo também sobre a pajelança e espiritualidade de Manoel Santana desde os festejos de reis, rezas e cantos por meio dos sonhos, ensinamentos da nossa medicina sagrada tradicional.

Palavras chaves

Luta, resistência, Manoel Santana, ancião, povo pataxó, liderança indígena.

Dedicatória

Dedico meu trabalho em especial ao meu pai niamisũ que nunca me abandonou me sustentou, a meu avô Manoel Santana, pajé da aldeia Boca da Mata e em memória dos anciãos que lutaram junto com ele para conquista nosso território.

Aos meus familiares, meu pai José Raimundo Santana, minha mãe Ana Maria de Jesus Ponçada, as minhas filhas Raimilly Santana e Míhai Kayrú Santana, a minha vó Antônia Maria, as minhas irmãs que sempre me incentivaram, me dando força para continuar.

Dedico também a todo povo pataxó da Bahia e do estado de Minas Gerais, dedico a cada pessoa que acompanhou ele nas lutas pela conquista dos nossos direitos, e que teve o prazer de estar a seu lado em grandes decisões do nosso povo.

Aos meus colegas pataxó da BA e MG e meus colegas xacriabá, aos professores que me ajudaram muito em um dos momentos que precisei de minha família perto, pois estava doente e foi a família FIEI que estavam comigo, e não me deixaram sozinha, agradeço a Deus pela vida de cada um. Minha gratidão ao FIEI, e a Faculdade de Educação por abrir suas portas para a formação de nós professores indígenas.

Ao meu orientador Dr. Paulo Maia, que muito me incentivou, me orientando, minha gratidão professor. Aos meus entrevistados, que muito me ajudaram nessa conquista a minha aldeia Boca da Mata pois essa conquista não é só minha é do meu povo pataxó.

Sumário

1. Introdução	6
2. A vivência de Manoel Santana na Aldeia Mãe Barra Velha	16
3. A vinda de Manoel Santana para Boca da Mata	25
4. Manoel Santana e seu modo de liderar seu povo	29
5. Manoel Santana e a Política da Comunidade: saúde, educação e reflorestamento..	32
6. A pajelança e espiritualidade de Manoel Santana	42
7. Considerações Finais.....	47
8. Perfil dos entrevistados	49

1 - Introdução

Sou Josicleide Ponçada Santana da etnia Pataxó, nome indígena Tsayra moro na Aldeia Boca da Mata, município de Porto Seguro Extremo Sul da Bahia. Nascida dia 27/12/1994, tenho duas filhas Raimilly Santana e Mihai Kayrú Santana, sou filha de José Raimundo Santana e Ana Maria de Jesus Ponçada, somos 10 filhos, sendo 4 homens e 6 mulheres.

Pertenço às famílias Braz, Ferreira, Santana e Ponçada, meu bisavô paterno, que é da Família Santana, veio de Serrinha perto de Salvador e casou com uma pataxó da família Ferreira tradicional de Barra Velha. E a família Braz que é da minha bisavó, a qual também faço parte, veio de Valença na época da Guerra de Canudos, que vieram pra Barra Velha.

Meu avô materno veio de Minas Gerais e minha avó materna é pataxó da família Braz. Desde muitos anos, meus avós sempre viveram na terra indígena Barra Velha e Águas Bela. Tenho parentes por todo território pataxó, até no estado de Minas Gerais, nas aldeias pataxó de lá. Muitos foram para lá e não voltaram mais. Hoje já tem suas famílias, mesmo assim tão distantes, sempre conversamos pelas redes sociais. Essa ferramenta facilita para nós matar saudades dos parentes.

Iniciei meus estudos em 2001 com 7 anos de idade na Escola Indígena Pataxó de Boca da Mata, não me lembro ter estudado Pré I e II educação infantil, pois aquela época ainda não tinha na escola da aldeia. Já comecei na 1ª primeira série, sempre estudei em escola indígena, meus professores eram não índios e alguns indígenas que moravam na comunidade.

De 2001 a 2005 estudei Fundamental I e de 2006 a 2009 Fundamental II. Em 2010 comecei a estudar o ensino médio aqui mesmo na Escola Indígena Pataxó Boca da Mata, terminei em 2012. Logo depois fui escolhida para fazer um curso na aldeia de Massoterapia, estudei por mais 6 meses. Então me inscrevi para os vestibulares IFBA e UFMG, foram várias as tentativas, em 2016 com as notas do Enem me inscrevi na UFSB, onde concorri com vários candidatos não indígenas, não fiz vestibular específico, mas com minhas notas do Enem fui chamada para estudar em um curso regular na Universidade Federal do Sul da Bahia-UFSB. Nesse primeiro ano que estudei foram várias as disciplinas, era obrigatório fazer todas as disciplinas durante esse período, após dois anos que escolhemos a área específica e assim teríamos de mudar para cidade de Porto Seguro ou Teixeira de Freitas.

Estudei apenas um ano, pois enfrentei muitas dificuldades, como deixar minha filha pequena com minha família na aldeia e ir para cidade, uma realidade totalmente diferente da que eu vivia na aldeia. Outros desafios foi em entrar no sistema da faculdade para as aulas em teleconferência, vídeo-aulas, uma das maiores dificuldades era me inscrever nos componentes que eram online, muitas vezes não encontrava mais vagas, naquele período não tinha o domínio de aparelhos digitais e acabava perdendo o prazo em inscrever nas disciplinas e envio de atividades.

Estudei um ano no Cuni na cidade de Itamaraju onde eu morava, depois desse tempo tive que mudar para o polo Paulo Freire na cidade de Teixeira de Freitas, ficou mais distante de casa, eu tinha que sair 5 horas da tarde para estudar a noite. Quando chegava em casa era meia noite e às vezes até mais tarde. O custo para viver na cidade ficou muito alto, a bolsa permanência ajudava em alguns custos, para alimentos, transporte, aluguel da casa, além dos materiais acadêmicos que precisava para as aulas, a minha família também sempre me ajudou mas foram vários os desafios e dificuldades para eu permanecer no curso, infelizmente tive que desistir de um sonho que tanto almejava.

Em 2018 tive a oportunidade de ingressar novamente na universidade, fiquei muito feliz por essa oportunidade, durante esse período me inscrevi em outros vestibulares da UFMG, na habilitação de matemática, estava muito confiante e ao mesmo tempo ansiosa para saber o resultado, sei que competir com vários estudantes bons. Fiquei muito feliz pois consegui ser aprovada. Sabia que ali começava mais um novo ciclo, mas o que me deixava um pouco tranquila era saber que o curso, ia me permitir, estudar e também acompanhar a minha filha na aldeia.

Estar na UFMG pela primeira vez foi muito bom para mim, conhecer meus novos professores e colegas que dessa vez eram todos indígenas de diferentes etnias, foi emocionante ouvir os parentes fazendo seus cantos e suas orações, nossos cantos nos fortalece espiritualmente e fisicamente também.

Passei a conhecer os bolsistas do curso, pessoas maravilhosas que nos ajudam e nos orientam quando precisamos. Hoje considero todos do FIEI uma grande família, pelo cuidado que temos com todos nós indígenas e com nossas lideranças, temos gratidão por nos ajudar. Quando iniciei era a professora Vanessa Sena Tomaz, a coordenadora da habilitação matemática, uma pessoa maravilhosa que me ajudou muito em um momento difícil, fiquei doente na UFMG.

A coordenadora atual é a professora Ilaine, tenho muito orgulho de fazer parte dessa turma, cada professores que passam por nós estudantes, e sempre buscam o melhor para nos ajudar e assim criamos um respeito pelos profissionais que são.

Estar na UFMG foi tudo novidade, vivenciar uma realidade muito diferente da que eu vivi em outra faculdade, conhecer pessoas novas e fazer novas amizades. Conhecer outras etnias, outros parentes indígenas com realidades bem parecidas com as do meu povo. Culturas, costumes e cantos que nos fortalecem no período longe de casa. Viver na universidade é um desafio, que precisamos nos acostumar a cada módulo. Mas com esperança de ajudar o meu povo.

Foi passando o tempo quando em uma aula a professora Vanessa nos falou que teríamos que escolher um tema para conclusão do curso, então eu já tinha a ideia de pesquisar sobre a trajetória e história do meu avô Manoel Santana.

Hoje tenho a liberdade de escrever meu percurso falando da Luta e Vivência do pajé Manoel Santana da Aldeia Boca da Mata. Um líder de muito respeito, guerreiro de sangue, que sempre lutou não só por ele ou sua família, mas sim por todas as famílias da aldeia, admiro muito a força e a garra que ele teve para ir em busca dos direitos sobre o território do nosso povo.

Antes do contato com os não indígenas o povo pataxó vivia livre, pois a terra não tinha cerca ou divisão, toda a floresta era nossa casa, os nossos sustentos vinham da pesca, caça, mariscos, raízes, dos frutos da mata e do mangue. Até os dias de hoje nossa alimentação se baseia nesses alimentos é claro que nós consumimos outros tipos de alimentos industrializados, mas nossos costumes também continuam com nossas famílias pataxó. Nossos costumes já vêm de nossos antepassados, nossos velhos de antigamente.

A Aldeia Bom Jardim, conhecida como Aldeia Mãe Barra Velha, sempre foi o ponto de encontro e passagem de muitos povos indígenas que viviam nas matas próximas dali. No ano de 1861 indígenas de algumas etnias, dentre as quais estavam os Pataxó, os Maxakali, Botocudos, Kamakã e Tupi foram forçados ao aldeamento por determinação do governo do estado da Bahia. Neste ano já começou os massacres contra nosso povo, um povo livre, que foi obrigado a viver em uma área limitada, povo pataxó sempre foi um povo livre, sempre viveu nas matas próximas aos rios e mares.

Mas a partir de 1940, com a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal, começaram as disputas pelo Território Barra Velha. Foi nessa terra sagrada, que ocorreu o massacre “Fogo de 51” como é chamado pelo povo, foi uma triste guerra em Barra Velha. Morreram nessa guerra muitos indígenas, mulheres, homens, jovens, crianças e muitos dos nossos anciãos. Com o massacre muitos povos daqui se afastaram, fugiram para as matas, outros para povoados, cidades, outros que saíram naquela época, não voltaram mais, com medo e também com muita tristeza de lembrar o que aconteceu com seu povo em Barra Velha, muitas aldeias pataxó também foram criadas a partir desse triste acontecimento.

O povo pataxó sempre foi um povo guerreiro que nunca desistiu das lutas, e somos a resistência dos nossos anciões de antigamente. Os pataxó habitam parte da faixa litorânea do Extremo Sul da Bahia, nos municípios de Porto Seguro nas aldeias: Boca da Mata Aldeia Velha, Aldeia Nova, Barra Velha, Juerana, Imbiriba, Xandó, Bujigão, Pará, Campo do Boi, Meio da Mata, Cassiana, Pé do Monte, Jitaí, Guaxuma e Reserva da Jaqueira, Reserva Porto do Boi Santa Cruz Cabralia, Coroa Vermelha, Aroeira, Mata Medonha, Nova Coroa, Mirapé, Txihí Kamaiurá, Novos Guerreiros Itamarajú, Aldeia Trevo do Parque, Tawá, Águas Belas, Craveiro, Cahy, Corumbalzinho, Alegria Nova, Maturembá, Monte Dourado, Pequi e Tibá, Mukugê, Recanto da Mata e aldeia Quero Ver. Já em Minas Gerais: Aldeia Muãmimati, Imbiruçu Fazenda Guarani Sede, Imbiruçu, Retirinho, Aldeia Cinta Vermelha Jundiba, Aldeia Jeru Tukumã.

A língua que falamos é do tronco macro-jê da família linguística Maxakali, temos mais de 3 mil palavras registradas, a língua pataxó está passando por um processo de revitalização, hoje podemos ver as crianças, e jovens e os adultos falando o Patxohã que na língua pataxó significa língua de guerreiro. Nas escolas pataxó o Patxohã é ensinado, também temos os cantos tradicionais que são ensinados entre o povo pataxó, nossos cantos são fluentes entre as famílias. Sabemos que com o massacre do povo pataxó em 1951, muitas coisas mudaram em nossa língua e costumes. Mas o que nos fortalece é saber que muitos costumes da tradição do povo foram guardados na memória dos anciões e hoje vivemos, de forma diferente, mas vivenciando as tradições de antigamente.

As trocas de alimentos entre as famílias é uma tradição viva, quem tem roças troca seus alimentos com quem tem peixe, caranguejo, entre outros alimentos. Essas trocas funcionam até os dias de hoje, as famílias da praia mesmo, sempre trazem os alimentos que tem na praia para trocar com nós que moramos mais longe. Trazem peixes, coxas, caranguejos, piaba seca e outros tipos de alimentos que só dá na região da praia. Já as famílias aqui da mata que trabalham com roça, tem os inhames, batata, aipim, jaca, cana, farinha de puba, beijú, entre outros tipos de alimentos, trocamos esses produtos por outros trazidos da praia. Essa tradição e costumes já vem de muitos anos, dos nossos velhos até os dias de hoje.

Seja ela a troca por familiares ou entre as aldeias, então nossa cultura vem se mantendo, com nossos costumes e tradição, ao longo do tempo. E nossas escolas pataxó é uma grande aliada para ajudar nossa cultura a passar por várias gerações.

Durante a pandemia do Covid-19, isso ficou um pouco difícil para nossas famílias, nós não podíamos visitar, nem receber as visitas nas aldeias, só compartilhávamos nossos alimentos dentro da própria aldeia, várias famílias faziam alguma coisa para vender, vários tipos beiju, farinha de puba, farinha doce com coco, entre outros tipos de alimentos. E foi dessa forma que na pandemia as famílias ajudavam umas as outras, colocando em prática as trocas de alimentos, que é uma tradição do pataxó.

Uma coisa que deu certo foi o plantio de hortaliças, desenvolvido pelas famílias da aldeia, nessas hortas eram plantadas alimentos de curto prazo para colheita, então algumas famílias trabalhavam com hortas, e já estavam perdendo algumas coisas que não conseguiam consumir. Então foi pensando nessa quantidade de coisas que já tínhamos em nossos quintais, que criamos uma feirinha dentro da própria aldeia para que as famílias pudessem vender seus alimentos e buscar um meio de sustentabilidade para sua família.

E nesse período de pandemia foi difícil para as famílias dentro do nosso território, isso afetou todos nós, sei também que afetou muitos territórios indígenas, onde perdemos parentes, e também conhecidos. Todo território Barra Velha ficou parado, dos festejos tradicionais, dos movimentos indígenas, esse período nos prejudicou principalmente nos estudos, não podíamos viajar nem receber outras pessoas de fora da aldeia, somada a falta de internet e energia em algumas aldeias.

Foram meses de medo, pois não sabíamos como ia ser nesses períodos, tive medo por minhas filhas, porque nenhuma delas tinham tomado vacina aprovada para crianças. Nesse período, contrai o vírus, fui a primeira pessoa da minha família pegar o Covid 19, fiquei preocupada e com medo, pois estava amamentando e minha bebe estava muito pequena com 5 meses de nascida. Sem contar com as pessoas do grupo de risco da minha casa, acredito que contrai o vírus de coisas que comprávamos fora da aldeia, esse vírus deve ter vindo em alimentos ou sacolas de supermercado.

Sei que tínhamos nossos cuidados mais por um descuido peguei o vírus, não estava saindo de casa por estar com minhas filhas pequenas, fiquei de quarentena em casa mesmo, tomei muitos chás medicinais que minha mãe fez, ela é uma anciã que tem grande conhecimento das ervas medicinal, entre chás e banhos que ajudam a prevenir e curar algumas doenças, tomei muitos cuidados e graças a Deus fiquei curada.

Para nós indígenas tudo isso que se passa é um aprendizado e foi pensando nesses desafios que minha mãe colocou a disposição de ajudar a comunidade em fazer chás para tratar as pessoas de pegaram Covid-19, ela fazia os chás e levava próximo as casas das pessoas e eles vinham buscar. Esse conhecimento ela aprendeu com meu avô Santana, pois desde de cedo as mães aprendem com os mais velhos sobre a medicina tradicional do povo.

Mas graças a niamisũ (Deus) e a ciência conseguiram desenvolver uma vacina que trouxe esperança para todos, durante o período do pico do vírus em nossas aldeias as famílias se preveniram e se cuidaram com nossa medicina tradicional chás feito de ervas medicinais e também banhos quentes de ervas, todo esse conhecimento sobre a medicina tradicional que o pajé Manoel Santana sempre ensinou as famílias.

Através do ensinamento dessas medicinas pataxó, quando Santana estava saudável, com saúde, foi que tratamos muitas pessoas com Covid-19, não foram medicinas novas, esses tratamentos foram feitos com conhecimento de ervas que já eram usadas. Ele sempre quis ensinar, pois sabia que algum dia íamos precisar, esses chás e banhos, não foram coisas passadas de poucos tempos, foi passado a anos atrás e que serviu nos tempos de hoje principalmente na pandemia.

Todos esses ensinamentos foram importantes nesse período, foram meses a espera da vacina chegar em nossos território, foram várias as dúvidas dos nossos parentes, com muito medo de tomar a vacina, muitos fake news, mas mesmo assim fomos imunizados com três doses, já podemos até sair para visitar nossos parentes em outros lugares, sempre com os cuidados para nos proteger.

E graças a ciência tradicional e científica podemos sair de nossos territórios e viver mais tranquilos, tomando cuidados, principalmente por conta de nossos anciãos e parentes, que são do grupo de risco.

Mas essa pandemia ainda me preocupa bastante, pois sei que ainda não acabou, sei que como mãe outras também passaram por medo parecido com o meu. Mas niamisũ é bom e os meses passaram e aprovaram a vacina para crianças onde minha filha pode tomar sua primeira dose e se imunizar.

Nesse período de medo no território, também me dediquei ao meu trabalho que é escrever a biografia do pajé Manoel Santana, fiquei preocupada pois estou escrevendo meu trabalho de conclusão de curso no meu TCC.

Um das dificuldade enfrentadas foi fazer entrevistas para meu trabalho, eu não podia sair para outras aldeias, então fiquei atrasada nessas entrevistas, mas sabia que tinha que avançar, com a primeira dose já feita nas comunidades indígenas da Bahia, aproveitei o movimento de fechamento da BR 101, um protesto do povo pataxó contra do Marco temporal.

O Marco temporal é uma tese que está sob julgamento no Supremo Tribunal Federal (STF) e defende que nós povos indígenas só podemos reivindicar os nossos territórios que ocupamos no dia 5 de outubro de 1988, data da promulgação da Constituição Brasileira. Mas essa tese é inconstitucional, pois desrespeita a decisão da sociedade brasileira, nossos direitos originários sobre o território foram reconhecidos sem menção de datas ou períodos de tempos determinados.

Então com esse movimento eu consegui fazer algumas entrevistas com caciques e lideranças que lutaram ao lado do meu avô Santana. Foi muito emocionante poder ouvir e falar com grandes líderes pataxó, que também são esquecidos por nós que muitas das vezes só são lembrados nas lutas. Muitos deles doentes já cansados da luta, mas com suas falas firmes em ajudar e reforçar que nós jovens precisamos ajudar eles nessas lutas. Vejamos o relato do cacique Jurandir a respeito de Santana:

“hoje estamos assegurando essa luta por motivo dos nossos outros anciões, ele mesmo falava sobre a questão da saúde, educação pra ver todo mundo sendo um prefeito, sendo um senador, um deputado, um vereador, o sonho dele ainda é que nós liderança pegamos essa luta que ele já deixou pra nós e nós estamos aí para poder lutar e sempre pensando nele, pois é um grande homem. Esses dias eu vi um vídeo dele, eu chorei porque eu sei que é um grande lutador e hoje não tá junto com nós, mais tem os netos as netas que tá aí, tá estudando pra poder mais tarde assumir um compromisso de ser uma professora, de ser uma gestora de qualquer trabalho isso pra gente é uma honra, estou falando aqui por ele e ele foi uma pessoa sempre que lutou e sempre falou que nós temos que vencer essa luta em nome do nosso niamisû, com essa luta unido nós vencerá, eu não me esqueço do meu primo Santana, ele está no meu coração” (Cacique Jurandir, Trevo do Parque, 2021).

A escola dentro de nossos territórios, é muito importante nesse processo de ensino e aprendizagem, pois através dos professores indígenas e dos familiares de alunos, são passados os conhecimentos sobre o povo, nossas narrativas, a medicina pataxó, nossos costumes e tradições, entre muitos outros conhecimentos que são trabalhados. E com esse meu trabalho quero que os alunos possam conhecer um pouco quem é Manoel Santana e sua trajetória dentro da aldeia Boca da Mata e demais territórios pataxó, pois ele tem conhecimento do limite e dos pontos onde estão os marcos da demarcação do território pataxó, em seus mapas ele fazia questão de deixar registrado, para que pudéssemos conhecer e também na esperança do governo brasileiro demarcar nossas terras, hoje nossos territórios vem sofrendo em busca da demarcação.

Hoje vivemos divididos em diferentes territórios pataxó, em conversa com um dos advogados do CIMI, Domingos Andrade, ele me falou sobre a situação das terras indígenas pataxó, são vários os processos que os territórios pataxó vem esperando para as demarcação dessas terras, Domingos já vem acompanhado essa luta a muitos anos e inclusive conhece meu avô Santana, sua luta e seus sonhos para seu povo e sua aldeia.

Ainda em conversa pessoal com Domingos ele passou a situação dos Territórios Pataxó, aqui do estado da Bahia: ---

“Águas belas município de Prado área com 1.198 hectares fase dos procedimentos administrativos regularizados, Aldeia Velha município de Porto Seguro área com 1.997 hectares, fase dos procedimentos declarada, Barra Velha município de Porto Seguro área com 8.627 hectares, fase dos procedimentos administrativos regularizada, com a revisão dos limites foi para 52.000 hectares área de revisão delimitada, (processo paralisado na Funai-BCB).

O Território Comexatibá município do Prado área com 28.077 hectares, fase dos procedimentos administrativos delimitada aparentes, (processo paralisados na Funai- BSB), Coroa Velha município de Santa Cruz Cabrália- Porto Seguro área com 1.493 hectares, fase dos procedimentos administrativos regularizadas, com a revisão dos limites. Coroa Vermelha Gleba C, área para criação de uma reserva indígena, processo paralisado. Coroa Vermelha, área da Ponta Grande, em fase de estudo.

Aldeia Imbiriba, município de Porto Seguro, área com 408 hectares, fases do procedimento administrativo regularizada. Mata Medonha, município de Santa Cruz Cabrália, área com 549 hectares, área insuficiente, revisão dos limites em estudo".

Estamos divididos em várias terras indígenas, com uma população com mais de 15.000 mil indígenas pataxó. Moramos em várias aldeias diferentes, no estados de Minas Gerais e Bahia, mas com o mesmo objetivo, da demarcação de nossos territórios, nessa terra temos lugares sagrados que estão fora da demarcação, mas estamos à espera da ampliação, pois o que nos resta é continuar a lutar por esses lugares sagrados.

É difícil encontrar essas pessoas que apoiam as nossas lutas. E vejo que muitos dos nossos anciãos começaram essa luta, mas hoje já não é mais eles que busca nossos direitos, já são novas lideranças, somos nós jovens que lutamos por eles hoje, pois os mesmo estão nos territórios já bem cansados da luta, mas que sua fé estão vivas, e acreditam nos líderes novos de hoje, a luta não para, nossa resistência por nossos territórios sagrados vão continuar.

Inclusive Boca da Mata deu início em 1976, 25 anos depois do Massacre de 51 na aldeia Barra Velha, foi criada pelas famílias de Tiburcio, Josafá e Vando, depois foi chegando outras famílias Ferreira, Santana, Conceição, Machado, Santos, Oliveira, Silva, Ponçada, Alves, Pinheiro e Braz. Naquela época as famílias viviam da agricultura, da produção de farinha e do artesanato de cipó. Essas primeiras famílias chegaram a levar farinha para o Povoado do Montinho e a cidade de Itamaraju, levavam também para outras aldeias. Sua principal atividade é a agricultura familiar e artesanato até hoje.

Antes de ser formada a aldeia, aqui era um ponto de apoio para as pessoas, caçar, pescar, tirar piaçava, colher sementes, tirar imbirã para fazer artesanatos e retirar próprio sustento da família. Vieram principalmente para pôr roças pois em Barra Velha não tinha espaço.

Foi nesse período que meu pai e meu avô Alcísio vieram para Boca da Mata fazer roça, caçar e tirar piaçava para vender. Nesse tempo, eles moravam em Barra Velha que ficava longe de Boca da Mata para eles irem e voltarem para olhar suas plantações. Foi quando eles decidiram ficar definitivamente para morar.

A aldeia Boca da Mata está situada à margem do córrego do rio cemitério, pouco acima da fluência do rio Caraíva, próximo ao Parque Histórico Nacional Monte Pascoal. A população de aproximadamente 285 a 300 famílias, pertence ao município de Porto Seguro Bahia.

Aqui acontecem os festejos tradicionais da aldeia. Em janeiro comemoramos Santos Reis e São Sebastião, em fevereiro São Braz e no mês de abril comemoramos a Semana

Cultural, momento muito importante com escola e familiares da aldeia. Em junho temos a festa do padroeiro Santo Antônio e em agosto temos um dos maiores eventos do povo pataxó, que é a caminhada de resistência que acontece nos dias 18 e 19, onde estão reunidos vários parentes para discutir sobre os direitos dos povos indígenas da Bahia, temos palestras, discussões e reuniões, rituais sagrados.

No período do verão temos que ter muito cuidado, pois no mês de dezembro ao mês de fevereiro se torna perigoso, pois estamos no período de estiagem e por causa das queimadas na região. O clima aqui é variável do mês de abril a setembro é frio e chove pouco, de agosto a novembro e o mês das águas, e em dezembro é um período mais quente, nos meses de novembro e dezembro é época de colheita de mangaba, manga e caju também é tempo que as famílias da praia estão redando com rede de arrasto. E muitas pessoas vão para outras aldeias da praia buscar essas frutas e peixes, ou fazer trocas com os outros tipos de alimentos que tem em suas aldeias, aipim, jaca, banana, farinha entre outros.

Temos na aldeia duas escolas que ensina desde a creche as séries iniciais ao ensino médio, e também um programa da UNEB a UPT—Universidade Para Todos, onde alunos que estão concluindo ou que concluíram o ensino médio fazem esse curso preparatório para se ingressar nas universidades, a UPT, ajudou muitos jovens que estão fora da aldeia estudando, uns na cidade de Eunápolis, Porto Seguro, Salvador, Juazeiro, Teixeira de Freitas e também outros na UFMG.

Temos posto de saúde e atendimento especializado, energia e também internet, temos água encanada para quase todos da aldeia, pois algumas famílias são novas e ainda não foram beneficiadas. Boca da Mata é uma aldeia muito nova ainda, mas os líderes sempre vem buscando melhorias que possam atender a todas as famílias pataxó.

Hoje meu avô Santana se encontra doente, mas sua luta e seus esforços é reconhecido na aldeia, escrevo com orgulho o meu trabalho, por está contando a história desse grande líder, desse ancião que é muito querido. Registrar a trajetória do meu avô é conhecer toda luta. Lembro-me de quando ele passava todos os dias, com uma enxada pra capinar as estradas da aldeia e chegava aqui em casa pra conversar com meus pais, ensinar as rezas, contar seus sonhos sobre os espíritos que vinham ensinar os cantos de Reis, falar que os nossos ancestrais vinham falar com ele pra ajudar o povo.

Me recordo também de quando ele chegava da mata onde coletava semente para fazer mudas para o reflorestamento, um dos seus sonhos, reflorestar as áreas que estavam desmatadas pelas queimadas. E ele também dava muitos conselhos aos meus irmãos e os jovens, para estudar ser alguém na vida, para ajudar as famílias da comunidade, o dinheiro que ele pegava ele comprava um quilo de carne para uma família, um pacote de café para outra, as pessoas tinham e têm até hoje um respeito muito grande por ele. Pois tudo que fazia era para as famílias.

Nas reuniões quando ele chamava atenção as pessoas sempre ouviam ele. Na Semana Santa ele vinha para igreja esperar seus netos e afilhados para receber a benção, e esperar pessoas da aldeia para conversar, é muito grande o respeito com ele aqui em Boca da Mata.

Meu interesse por esse tema, foi em conhecer mais sobre esse líder, sua trajetória de vida nessa terra sagrada, eu ouvia muitos relatos do meu pai e de outras pessoas que viajavam com ele para reivindicar nossos direitos. E no momento tenho oportunidade de registrar a trajetória desse guerreiro, porque ainda não se tem um trabalho falando sobre o Manoel Santana. Lideranças jovens de hoje, reconhecem e tem respeito por ele. A luta continua, como diz sua neta Taiane, mas hoje temos outros meios também de buscar e ir cobrar nossos direitos. Antes eles passavam muitas dificuldades para viajar, ainda não é fácil encontrar os parceiros dessa luta. Mas os que estão na luta sempre ajudam, como destaca Taiane:

Assim é meu avô, uma pessoa bem respeitada dentro de todos territórios e povos indígenas, ia nas lutas para Brasília, em Salvador, sempre nas necessidades, porque hoje a gente já consegue encontrar os ônibus, já consegue encontrar outros carros, as parcerias, antigamente muita das vezes era uma carona que pegava e ia aventurando, então assim, meu avô Santana é uma pessoa que tem uma história muito bonita dentro do nosso território do nosso povo (Taiane Ferreira, Trevo do Parque, 2021).

Ao falar sobre as suas lutas em prol do nosso povo pataxó, tenho muito respeito e admiração, pois ele sim é um exemplo de liderança, que nos motiva a sair da aldeia, e ir em busca de melhorias para nossa comunidade. No meu trabalho quero registrar a luta e resistência do pajé Manoel Santana da aldeia Boca da Mata, também conhecido por Santana, meu interesse por esse tema está relacionado a luta pela comunidade, resistência por ser um dos fundadores da aldeia Boca da Mata.

Minha expectativa com esse trabalho é que possa ser usado na escola para contar a história da nossa aldeia e dos nossos líderes antigos e atuais, para fortalecer ainda mais a importância dos nossos líderes, que sirva também como referência para outros alunos, como um documento para as futuras gerações conhecer quem é ele e sua importância na comunidade.

No primeiro capítulo faço um breve histórico sobre o meu povo, minha etnia e também sobre os desafios e conquistas que conseguir durante esses anos em busca de melhorias para ajudar na educação dentro de minha aldeia, conto também brevemente sobre o pajé Manoel Santana, ainda nesse capítulo escrevo sobre o Território Barra Velha e demais aldeias pataxó, quais são suas situações atuais em questão da demarcação.

No segundo capítulo, venho abordar sobre a vivência de Santana e sua família em Barra Velha, quem é ele e o que ele fez por seu povo, seus desafios em busca de novos meios para ajudar cada família.

No terceiro capítulo estarei falando sobre a mudança de Santana, saindo de Barra Velha para morar em Boca da Mata, sua luta para criar um novo lugar para morar com seu povo. Ainda nesse capítulo falo sobre a formação de novas lideranças e sua forma de ajudar a liderar, além de seu sonho de juntar seu povo que estava fora da aldeia espalhados, depois do Fogo de 51.

No quarto capítulo vou abordar os desafios de Santana em liderar seu povo em nossas terras, suas dificuldades e desafios para criar um lugar de respeito e vivência a todas as pessoas e seus projetos para ajudar as famílias na aldeia Boca da Mata.

No quinto capítulo falarei sobre a persistência e reivindicações de Santana em busca dos direitos de seu povo em Boca da Mata, saúde, educação, reflorestamento, buscar novas alternativas para ajudar em uma qualidade de vida melhor para aldeia, e ajuda seu povo. seu sonho de reflorestar as áreas degradadas que foram destruídas e ficaram ao longo do tempo, mas sua luta sempre foi em prol da permanência no território indígena.

No sexto capítulo falo sobre a pajelança e espiritualidade de Santana, suas rezas, seus ensinamentos sobre a medicina tradicional pataxó, os festejos de reis, sua devoção e dedicação para manter os costumes e tradições vivos. Santana sempre foi um líder de respeito onde ele andava, todos sabiam do seu valor. Ele nunca foi uma pessoa que ficava querendo mérito de algo que fez, sempre quis fazer por seu povo. Hoje somos nós que lutamos por ele, a luta de Manoel Santana, sua resistência para ajudar seu povo, as dificuldades e desafios para construir uma nova aldeia, continuou e hoje Boca da Mata respeita sua história, escrever sobre as conquistas de Santana ajudando seu povo e sua comunidade, fico muito emocionada, em conhecer cada dia mais sua trajetória, todos esses ensinamentos, quero passar adiante, para novas gerações, e fico feliz por minhas filhas, ter a oportunidade de ainda conhecer ele esse líder pataxó.

2 - A Vivência de Manoel Santana na Aldeia Mãe Barra Velha

Manoel Santana nasceu na aldeia Barra Velha no ano de 1924, é filho de Izidória Ferreira e Alfredo Marcos Santana. Desde de pequeno jovem ainda, sempre lutou para ajudar seu povo, na sua infância morou em Caraíva e no Rio Jambreiro, mas anos depois voltou, ainda quando jovem, passou a morar em Barra Velha, sua aldeia de origem. Não foi criado por seu pai, sua mãe foi quem o criou sozinha, pois seu pai não era indígena, a família de seu pai veio de Serrinha perto de Salvador.

Foi morar no combro da praia, no lugar chamando Pistola, ali mesmo na aldeia Barra Velha, mas não saiu do seu lugar, resistiu, pois sabia que aquela terra era terra indígena de seus ancestrais, um dia ele estava pescando na praia, chegou um homem comprando cobre. Perguntou, porque ele morava ali, então ele começou a contar sua história. O homem pediu para ele viajar até o Rio de Janeiro, que lá teria um órgão que poderia ajudar na conquista do território, os parentes estavam todos espalhados em fazendas e vilarejos próximos da aldeia.

Santana tomou coragem reuniu um grupo de pessoas para seguir viagem para Rio de Janeiro, os guardas do IBDF (Instituto Brasileiro de Defesa Florestal) ficaram sabendo da viagem e ameaçaram aquelas pessoas, mandando recados, se os homens fossem viajar, as pessoas que ficassem, eles iam dá uma surra e expulsar da aldeia. Então muitos dos parentes ficaram com medo de viajar.

Santana disse para seus parentes para eles viajarem, que ele cuidaria de seus familiares até a sua volta. Santana era como um pai das demais famílias, o respeito e a confiança que os pais de famílias tinham com ele não deixava ele desistir, dava força para ele lutar cada vez mais por seu povo.

Os parentes viajaram e assim ele ficou esperando os guardas que não apareceram, e começou mais uma luta de Santana em busca de ajuda para reconstruir a aldeia. Ele ficou esperando os parentes que viajaram para o Rio de Janeiro. Na volta para a aldeia aqueles homens encontraram alguns representantes do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), e com esse encontro conseguiram uma boa notícia para seu povo, que era a permanência na aldeia, eles não precisavam mais sair da aldeia.

Seu Santana como era chamado pelos seus colegas na aldeia, em sua trajetória aprendeu a fazer de tudo um pouco, pescar, serrar, carrear (trabalhar com boi de canga, boi manso para carregar madeira, lenha, tora). Baciá no rio, (é transportar a madeira em tora pelo rio, amarra as toras nas bóias são as toras de madeiras leves, e as toras de fundo que são as que não boiam e transportada pelo rio corrente, onde antigamente era transportada pelo rio para levar para as serrarias dar-se o nome de baciá). Desde de cedo aprendeu a trabalhar na roça.

Construiu sua família muito cedo, casou-se com sua primeira mulher dona Adélia com quem teve 4 filhos, depois casou com sua segunda esposa Maria Braz Ferreira com quem teve um filho, dona Maria adoeceu e morreu de sarampo, um tempo depois casou com outra mulher, Anália Maruim, com quem teve 10 filhos. Os velhos da aldeia

falavam que Manoel Santana era muito danado, era cantador, tocador de cavaquinho nas festas da aldeia e pescador no mar, a pescaria que fazia doava para os parentes na comunidade, não sabia dizer não as pessoas, sempre encontrava uma resposta para dar alguém assim que procurava ele.

Santana é católico e devoto de Santos Reis, ele quem construiu a primeira igreja católica na aldeia, as festas tradicionais do mês de janeiro, Santo Reis, São Sebastião e em fevereiro São Braz. Esses festejos eram celebrados somente em Barra Velha, as famílias que moravam em Boca da Mata iam para Barra Velha e a aldeia ficava vazia, então Santana teve a ideia de fazer os festejos também em Boca da Mata.

Reuniu-se com as famílias de Boca da Mata e decidiram que não iam mais para Barra Velha, mas que partir dos próximos anos iam fazer as festas em Boca da Mata, ele fez o convite ao seu filho Raimundo Patxyó, para realizar a primeira festa de São Sebastião da aldeia Boca da Mata, seu filho ficou com medo que não fosse muita gente, mas o plano de seu pai foi muito bom, então Santana saiu nos povoados vizinhos: Montinho, São Geraldo, aldeia Cassiana, aldeia Meio da Mata e fazendas próximas da aldeia, convidando à todos para se fazer presente na casa do seu filho para então festejarem o dia a festa de São Sebastião em 20 de Janeiro de ???.



Imagem 1: O primeiro festeiro de São Sebastião aldeia Boca da Mata, no fundo da foto tem a imagem da primeira escola da aldeia, construída de tábuas. Acervo Edimarcos Santana.

No dia seu filho matou um boi e distribuiu para todos da comunidade, como naquele tempo era pouca gente deu carne e ainda sobrou carne para fazer o almoço do pessoal que vinha pra festa, seu projeto tornou grande atração na região. Muitas pessoas apareceram para festejar com eles, na entrevista com seu filho Alfredo, ele conta como era a vivência de seu pai, e sabiam que em Boca da Mata ia dá certo os festejos:

“Então assim a ideia dele né de sempre ajudar, sempre de construir ao melhor pra comunidade dentro de Barra Velha, também ele era a

pessoa que cuidava das festa, dos festejos religiosos, como de Reis, São Sebastião, como Nossa Senhora Aparecida ele que cuidava dessa parte, então assim a vivência nossa da família dele dentro de Barra Velha foi uma vivência muito boa, então assim quando a gente veio embora de Barra Velha pra Boca da Mata o nosso lugar nós não vendeu, nós não deu, não emprestou nós deixamos lá né, então essa vivência dentro e Barra Velha foi muito boa foi muito aprendizado” (Alfredo Santana, Aldeia Boca da Mata, 2022).

Antes eram só os indígenas que faziam as festas, pois muitos são devotos também dos festejos de reis, nessas festas vem pessoas de vários lugares e até países, pessoas religiosas, que admiram as festas, a união e respeito em festejar e comemorar esses dias santos. Nesse dia são servidos almoço, jantar e bebidas em diferentes casas dos parentes. É uma alegria que contagia todos nós que participamos, durante o dia e noite.



Imagem 2 e 3: Na casa da festeira Ana Maria, da aldeia Boca da Mata, servindo o almoço para os devotos, de São Sebastião, 17 de janeiro de ???.

O dia todo tem festa e o tinderê, um tipo de samba de reis, tocado com alguns instrumentos como: o maracá, o tambô, o violão, o kerekexé (instrumento musical feito com bambu), pandeiros e zabumba, triângulo, a cuíca, entre outros instrumentos, que variam de aldeia para aldeia. Nessas festas são cantados os cantos de reis que foram ensinados por Manoel Santana, também os cantos em Patxohã que são tradicionais da cultura pataxó. Esses festejos são esperados o ano todo com muita alegria pelas famílias, pois elas passam o ano se organizando para fazer a festa.

Um dos momentos mais bonitos é a puxada do mastro onde temos várias pessoas que acompanham. Nessa puxada do mastro que é um tronco de árvore que derrubamos e buscamos na mata, os homens e mulheres trazem esse tronco nos ombros, é uma tradição e devoção muito grande do nosso povo, que crianças, anciãos, todos participam e vão passando de casa em casa sambando, até chegar na casa do pajé Manoel Santana,

onde ele já fica esperando na varanda de sua casa, pelo povo, que todos os anos fazem questão de cantar para ele.



Imagem 4: Sambadores e devotos buscando o mastro na mata, aldeia Boca da Mata, fotografia de Marconis Santana, 2020.



Imagem 5: Puxada do mastro na aldeia Boca da Mata. Fotografia de Ektanay pataxó, 20/01/2017:



Imagem 6: Os sambadores de Santos Reis e devotos que acompanham o samba, na casa do pajé Manoel Santana. Fotografia de Iramaia Guedes, 17 de janeiro de ??.



Imagem 7: Depois de caminhar uns 6 quilômetros, da mata até o rio, todos entram na água com o mastro, esse é um momento divertido, que todos gostam, o povo se refresca para seguir a viagem. Fotografia de Marconis Santana, 2020.

Antes apenas os indígenas faziam as festas nas aldeias, mas com o tempo, nessas festas sempre temos muitas pessoas que vêm de cidades e até mesmo de outras aldeias que vem participar, e acham bonita a festa, e querem fazer também, então essas pessoas conversam com os líderes e com os organizadores, do Tinderê, que são os responsáveis pela organização das festas, para elas pegarem no ramo e fazerem as festas junto com os indígenas na aldeia. Então pessoas indígenas de outras aldeias e não indígenas também podem fazer, mas antes de pegar no ramo ele tem que fazer o compromisso com os líderes, pois tem que ter um compromisso, com as pessoas da aldeia.



Imagem 8: Puxada do mastro saindo da mata, devotos acompanham esse momento sagrado para o povo, com músicas pataxó, cantos de reis e fogos. Fotografia de Ektanay Pataxó.



Imagem 9: Procissão na aldeia de São Sebastião em janeiro de 2017, o mastro sendo carregado por homens, passando de casa em casa, sambando e cantando. Fotografia de Ektanay Pataxó.



Imagem 10: Aldeia Boca da Mata na levantada do mastro em frente à igreja católica Santo Antônio. Fotografia de Gabriela Folegatti, 6 janeiro, 2018.



Imagem 11: Momento esperado pela comunidade, a entrega do ramo para saber quem serão os novos festeiros, aqui os festeiros, foram moradores da aldeia e dois festeiros não indígenas do Rio de Janeiro. Fotografia Tsayra Pataxó, 20 de janeiro, 2018.



Imagem 12: Procissão com os novos festeiros, depois da entrega dos ramos, saem homens sambando e mulheres e crianças, rezando pela aldeia. Fotografia de Ektanar Pataxó, 20 de janeiro, 2018.

Além desse projeto que deu certo aqui na aldeia, ele foi responsável por vários outros projetos, na área da saúde, educação e economia da aldeia, incentivou na pesquisa da língua Patxohã, pois sabia da importância que tinha para nós jovens aprender e ter conhecimento da língua do nosso povo pataxó. Santana como sempre foi chamado é uma pessoa que todos têm seu respeito, é compadre de toda comunidade.

No período da Semana Santa grande parte da aldeia vai até sua casa e ajoelha aos seus pés para pedir a bênção. É sinal de respeito que as famílias têm com ele. Manoel Santana como era conhecido tem hoje 15 filhos vivos e 5 filhos mortos e 85 netos vivos e 10 netos mortos, entre esses os bisnetos e os tataranetos que são aproximadamente 150, tem atualmente 98 anos, se não fosse o derrame ele ainda estava trabalhando na lavoura e no reflorestamento que era uma das atividades que ele mais gostava, pois é um homem forte e trabalhador.

Nos anos 70 quando a Funai (Fundação Nacional do Índio) veio para Barra Velha trouxeram muitas redes de pesca, entregaram na mão dele para pescar e distribuir o pescado com a comunidade, e assim ele fazia sempre, no dia que não pegava muitos peixes, o pouco que ele conseguia cortava os peixes ao meio ou pedaços pequenos e distribuía entre aquelas mulheres que estavam amamentado ou gestantes, e depois ele ia para o mangue pegar caranguejo para ele e sua família comer, ao longo da trajetória de Santana, ele sempre foi respeitado, por onde ele passava as pessoas sempre admirava por seu caráter e sua maneira de ser com todos. Em sua trajetória ele buscava sempre ajudar seu próximo pois sabia das dificuldades naquele tempo.

Como relata o Cacique Carajá:

"Para falar um pouco da nossa história, do nosso povo mais velho inclusive eu sou um dos mais velhos também da nossa comunidade indígena, eu acompanhei bastante a luta de Manoel Santana, acompanhei bastante quando nós estávamos em Barra Velha né, a dificuldade que nós tínhamos até de sair de Barra Velha, porque nós não tínhamos condições nenhuma de sair nem pra comprar

alimentação nem comprar sal para temperar a panela, e a gente sofreu muito nessa situação" (Cacique Carajá pataxó, Trevo do Parque, 2021).

Cacique Alfredo por sua vez, nos relata:

"A vivência de Manoel Santana na aldeia Barra Velha pra gente que é da família e quem reconhece o trabalho das pessoas foi uma vivência muito boa, porque em Barra Velha ele sempre fez um trabalho de ajudar as famílias das pessoas né, e fez um trabalho voluntário naquela região de Barra velha, na construção da sede de Barra Velha. Na época que a Funai trouxe umas redes para dentro de Barra Velha como a maioria dos índios não tinha conhecimento de pescar no mar, ele foi pescar no mar, o que ele fazia? Pegava o peixe e dividia com toda comunidade, quando não pegava muito peixe o peixe que pegava ele dividia em posta e dava para as mulheres que estavam amamentando e as mulheres que estavam grávidas e fazia dessa forma, e aí foi tocando a vida dele, aí né de Barra Velha até a praia tinha uma lagoa grande, tinha não, tem. Que os indígenas quando ia para praia de manhã cedo passavam com água na cintura, e ele também passava ali que ia ver as redes pra ir pra praia" (Cacique Alfredo, Boca da Mata, 16 de janeiro de 2022).

Poder ouvir relatos de dois líderes, o Cacique Carajá e o Cacique Alfredo, dois grandes líderes do nosso povo, fico imaginando quantas coisas aprenderam com esse professor da história pataxó, ouvir sobre a trajetória do meu avô, me sinto orgulhosa do líder que ele foi para o povo pataxó de Barra Velha e demais povos indígenas, seu modo de liderar ajudou muitas famílias em tempos difíceis. Até os dias de hoje muitas lideranças ao chamar a atenção de outros líderes em reuniões ou em simplesmente dá um exemplo de vida lembram da história dele.

Hoje poder escrever sobre esse guerreiro é viver um pouquinho, através do ouvir os detalhes de sua história um resgate de memória forte de um ancião que sempre viveu para ajudar seu povo, que quando falava todos obedeciam, não por medo, mas por respeito, com ele e com sua luta. Ficará na minha memória e na história de muitos jovens que não conhecem a história de luta dele, fico emocionada de ouvir pessoas que lutaram junto com ele, falando da grande liderança que é Manoel Santana. Ele é reconhecido por vários estudiosos, antropólogos que conhecem sua trajetória, e passou a conhecer seus projetos e sonhos.

A luta de Santana no território foi difícil, mas também teve grandes conquistas. Sua trajetória foi diferente ao longo dos anos, seu cuidado com as famílias e com o território, em saber onde era o limite, os rios e suas nascentes, ele sempre se preocupou com a natureza. Ele fazia questão de ter os mapas para mostrar os limites da nossa terra, onde nós estávamos atualmente, e também as partes que ficaram fora da demarcação, ele tinha esperança que os mapas dele chegassem nas mãos do Presidente da República, para demarcar nosso território.

Para Santana não era apenas mapas, era a história de vida de seu povo, contada por ele através dos mapas, escutando alguns anciãos da aldeia, eles falaram que Santana tinha uma forma diferente de contar nossa história, era através do desenhar seus mapas bem detalhado ele contava a história de luta de seu povo.

3 - A Vinda de Manoel Santana Para Boca da Mata

Nos anos 80 quando a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e o IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) fizeram um acordo para demarcar um pedaço de terra dentro do território pataxó, para os indígenas colocarem roças, foi então que Santana saiu de Barra Velha e veio para Boca da Mata, pois Boca da Mata era ponto de apoio ou seja uma extensão da aldeia Barra Velha.

Manoel Santana veio para Boca da Mata em busca de espaços para colocar suas roças, mas também porque seu filho José Raimundo Santana (Patxyó), já estava morando em Boca da Mata, e ele não queria ficar distante, Manoel Santana quando chegou em Boca da mata como a aldeia estava em processo de formação ele teve a ideia de se criar um grupo de lideranças para aldeia.

Pois o cacique naquela época ficava muito longe para liderar as pessoas de Boca da Mata pois Barra Velha fica uma distância de 36 km de Boca da Mata. As condições foram mudando e Santana tinha um sonho de fazer uma aldeia apenas com os parentes mais próximos. Mas pelo respeito que as pessoas tinham com ele sempre seguiam junto com ele como nos conta seu filho Alfredo:

“Na época que a gente veio pra cá pra Boca da Mata, porque o Firmo é o irmão de Santana que morava na aldeia junto com ele, Firmo nessa época morava no Ribeirão, aí Firmo veio embora pra cá né e nós quando viemos pra Boca da Mata veio em busca de um pedaço de terra melhor para trabalhar” (Cacique Alfredo Santana Boca da Mata, 16 de janeiro de 2022).

Santana reuniu as famílias que estavam ali naquela época e escolheram novos líderes para ajudar a liderar a Boca da Mata. Manoel Santana como liderança, tinha o seu jeito sábio de liderar as pessoas, ele ainda não era cacique, o primeiro cacique nos ano 80 foi seu irmão Firmo Ferreira, que ajudou muito na construção de Boca da Mata. Depois de Firmo, o segundo cacique foi seu filho Elí Ferreira, que liderou também por alguns anos. O Alfredo lembra dos momentos de lideranças de seu tio Firmo e de seu primo Elí, como caciques, suas lutas e desafios, para conseguir projetos para a aldeia:

“Ai Firmo trabalhou foi a Brasília, viajou tanto nessa caminhada depois passou pra Elí filho de Firmo, ele também trabalhou, lutou, depois passou para Manoel Santana né a cacicada. Manoel Santana também trabalhou, lutou correndo atrás pra ir em Brasília, Eunápolis quando a Funai era em Eunápolis, conseguimos aí nessa administração dele fazer a estrada, e com a chegada da estrada a gente começou né a buscar outros meios da própria sustentabilidade da comunidade”. (Cacique Alfredo, Boca da Mata, 16 de janeiro de 2022).

Esses dois grandes líderes também fizeram sua história dentro da aldeia, ajudaram muitas famílias que vieram morar em Boca da Mata. Santana ajudava seu povo, como podia, mas não era líder de frente, ele preferia fazer seu trabalho como liderança para ajudar dentro da aldeia. O terceiro cacique da aldeia Boca da Mata, foi o senhor Júlio Farias, que também deixou sua contribuição para seu povo, ele liderou um ano apenas como cacique, depois saiu e ficou sendo apenas liderança. E naquele mesmo ano Manoel Santana começou a liderar como cacique da aldeia Boca da Mata, seu compromisso foi ficando cada vez mais forte em prol de seu povo.

Ele que já tinha um compromisso grande com sua comunidade, seja em ajudar com alimentos, até mesmo cuidar com suas rezas, banhos de ervas medicinais e chás, Santana, nesse tempo já era bastante procurado para fazer esses trabalhos de cura. Ele recebia pessoas de outras aldeias, cidades e povoados, para tratar de algumas doenças, assim ele passou a buscar cada vez mais a fim de ajudar seu povo.

Santana liderou seu povo por muitos anos enquanto foi cacique até ser escolhido ser o pajé da sua aldeia, ser um pajé precisa nascer com espírito de liderança, ter conhecimentos ancestrais e se comunicar com os encantados, os seres sagrados da natureza. Santana já era um pajé do seu povo, porque sempre cuidou e curou muita da sua gente. Em entrevista com Cacique Guarú deixa claro o que é ser um pajé:

“então o pajé tem que ter todo esse conhecimento para tratar de seu povo e serve também para ele pra manter porque isso é uma cultura indígena. Então, pra ser um pajé tem que saber, eu não sou um pajé, mais sou filho de um pajé, hoje graças a Deus através do meu pai como pajé eu aprendi e tô aprendendo, então esse conhecimento eu quero levar pros jovens para as escolas né como já faço esse trabalho com minha comunidade incentivando os jovens né pra poder eles terem esse conhecimento na prática” (Cacique Guarú Oziel Santana, Trevo do Parque, 2021).

Seu modo de liderar seu povo, teve um grande reconhecimento em um encontro dos quatorzes povos da Bahia. O E14 foi um encontro de culturas dos quatorze povos da Bahia, aconteceu no mês de outubro, no ano de 2008, na aldeia Tuxá em Rodelas. Nesse encontro foram discutidas várias questões sobre os direitos indígenas, nesse encontro tinham professores, jovens, caciques, pajés, e mulheres.

Nesse encontro Santana deu mais um passo como líder espiritual de seu povo, Santana participou de um ritual dos quatorze pajés onde foi escolhido a ser o pajé de Boca da Mata, essa escolha também foi feita por espíritos dos nossos antepassados e pelos espíritos da natureza, a partir daquele encontro ele volta para sua aldeia como o pajé, e então seu filho que era liderança e acompanhava ele nas viagens, Alfredo Santana, passou a ser o atual cacique da aldeia Boca da Mata, como ele relata:

“Eu fui ser cacique de Boca da Mata né eu era novo ele falou olha Alfredo, você nunca abaixa a cabeça para ninguém, se você não deve nada, olha olho a olho, para justiça ele sempre falava, justiça então são assim coisas que você não deve, você tem que olhar olho a olho. você não pode baixar a cabeça se você baixar a cabeça é porque você deve. São coisas que eu trago dele que hoje me ajudam até na minha questão de luta. Então é isso, se nós pudermos aproveitar dos nossos velhos hoje, quem tem seu pai, sua mãe, cuida, zela e explora dele a riqueza que ele tem em trabalho da cultura, da ciência, espiritual tudo que ele aprendeu ali pra mais tarde ser uma pessoa dessa forma. Eu vejo pai hoje como um doutor ou mais do que um doutor, porque quantas vezes veio pessoas de fora para fazer pesquisa com ele e ele ajudar né, então eu vejo que cada pessoa é um doutor na sua área com seus conhecimentos” (Cacique Alfredo Santana, Boca da Mata, 16 de janeiro de 2022).

E com esses novas lideranças Boca da Mata passou a fazer seus próprios projetos com as novas ideias de outros grupos de liderança, Boca da Mata não tinha estrada, não tinha energia, a escola era uma sala só, que foi feita pela comunidade. Foi aí que entrou as

ideias de Santana em busca na prefeitura, ver as estradas, ver na FUNAI, a saúde, e a educação, que nesse tempo também era a Funai a responsável.

Uma das suas expectativas era de fazer uma aldeia com filhos e netos e para isso ele tinha a ideia de preparar seus filhos para assumirem as ações de trabalhos como cacique, liderança, professor, coordenador, diretor, agente de saúde, na política vereador, etc. Santana sempre teve uma grande expectativa na sua família de fazer novas lideranças capazes de levar em frente os seus trabalhos com a comunidade. Quando ele falava em melhorias para a aldeia ele não se referia apenas a sua família, mas sim a todas as famílias pataxó. Onde tinha um pataxó ele ia lá para falar com aquela pessoa, ele não olhava a idade sempre acolhia a todos. O seu trabalho e sua trajetória sempre foi em busca de melhoria para nossas comunidades, foi liderança por muito tempo até se tornar o pajé da aldeia.

Atualmente é o pajé em Boca da Mata, desde pequeno, lutou para ajudar o seu povo e em sua trajetória como líder sempre foi ouvido pois as suas ideias sempre foram bem sucedidas, ou seja, reconhecidas pelas pessoas, já que era um grande conhecedor de todo território pataxó, bem como os locais de moradia das pessoas que vivem aqui. Sempre lutou em busca da demarcação das suas terras e foi um defensor da educação quando ainda não tinha escola em Boca da Mata. Fez muitas viagens à Brasília para cobrar uma escola de qualidade para seu povo. Santana sempre foi um grande sonhador e pensador pataxó que ajudou muito seu povo.

Toda decisão reunia a comunidade para comunicar todos os seus projetos pensado, antes de colocar em pauta ele colocava para a comunidade seus planos e ações para ser desenvolvido na aldeia, o seu maior projeto era retomar o limite territorial pataxó que se encontrava em mãos do IBDF, que criou um parque nacional em cima das terras pataxó, um outro sonho dele era que um dia queria ver seu próprio povo trabalhando na comunidade sem precisar de pessoas tomando decisões sobre nosso povo, sem intervir nas ações da aldeia.

Ele queria que seus parentes indígenas, seus filhos, netos, tomassem conta da escola, saúde e outros setores sociais que pudessem ajudar seu povo. Em muitos anos os profissionais sempre vieram de fora, para ajudar nas aldeias, isso só foi possível pelas reivindicações de lideranças de antigamente como relata os caciques Guarú e Alfredo:

“Porque os mais velhos que levantou, que é a base da aldeia mesmo, então eu acredito e considero que vocês como jovens que estão estudando na Faculdade Federal, isso foi também uma busca dos mais velhos pra ver os filhos estudarem, se formar, se preparar para voltar pra dentro da aldeia pra ajudar a sua comunidade, ajudar o cacique, ajudar o pajé, está entendendo? Então tudo isso foi muito conhecimento, muita luta e está sendo muita luta difícil, não podemos ficar de braços cruzados esperando vir outro de fora pra resolver o problema pra nós, quem tem que resolver esse problema somos nós mesmos” (Cacique Guarú, Ozziel Santana, Trevo do Parque, 2021).

“quando chegamos por aqui em Boca da Mata, as coisas não eram muito fácil, não tinha estrada, não tinha apoio nenhum, o único apoio que tinha era da Funai né, na época, eu lembro que tinha um colégio ali onde Vado mora hoje, um colégio feito de bloco de barro né, feito

pela Funai e naquela época a assistência era pela Funai tanto a saúde quanto a educação, tudo pela Funai, e os professores que trabalhava naquela época foi Irene, foi Angélica. E o Antônio foi um técnico agrícola que veio pela Funai” (Cacique Alfredo Santana, Boca da Mata, 16 de janeiro de 2022).

Hoje em Boca da Mata e em outras aldeias é um sonho realizado de Manoel Santana, e os demais lideranças pataxó, pois com muita luta e resistência temos hoje os próprios indígenas trabalhando em diferentes área para seu próprio povo, seus filhos, netos e demais parentes já ocupam vários cargos de trabalhos dentro e fora da aldeia.

Sei que foram várias as lutas do meu povo e de vários povos contra esses governantes que só querem destruir nossos direitos, mas mesmo assim continuam em busca de melhorias para nós indígenas em todo o Brasil, E hoje sou eu que estou em busca para contribuir com o sonho de meu avô, sei que para nós é difícil conseguir um trabalho para ajudar nossas famílias, em algumas aldeias e mais fácil, já em outras é complicado.

Precisamos sempre está buscando meios para ajudar nosso povo e um dos meios é o estudo, pois através do estudo sabemos onde reivindicar nossos direitos para ajudar nossos parentes, pois muitos desses saem para luta, sabem apenas assinar seu próprio nome, outros nem consegue, mas nem por isso são pouco importante, seus conhecimentos são adquiridos na luta e trazem da sua vivência, grande valor ancestral, são grandes sábios sobre nossos direitos, alguns sonhos de Santana, já se realizaram, e sei que hoje ele é um líder feliz, pois seu povo vem buscando cada dia mais, seguir os passos e exemplos que ele deixa como, liderança para nós, jovens pataxó.

4 - Manoel Santana e seu modo de liderar seu povo

Com seu projeto de vida e seu modo de ser líder Manoel Santana, ajudou a criar outras aldeias em torno do Monte Pascoal onde todos os caciques das outras aldeias têm muito respeito pelo seu trabalho. Manoel Santana em Boca da Mata realizou muitas atividades, tanto na busca da saúde, quanto na educação, lutou pelo desenvolvimento da aldeia, quando passamos a depender da política do homem branco. Ele morou muito tempo em Barra Velha, depois se mudou para Boca da Mata, morou em Coroa Vermelha e novamente voltou para Boca da Mata, onde mora atualmente.

Ainda na aldeia Barra Velha, Manoel Santana foi morar no combro da praia, no lugar chamando Pistola, ali mesmo na aldeia Barra Velha, mas não saiu do seu lugar, resistiu, pois sabia que aquela era terra indígena de seus ancestrais. Ali ele enfrentou muitas lutas, para ajudar as famílias naquela época.

Pois muitas estavam tristes pois as condições não era as melhores, depois do Fogo de 51, os pataxó saíram e não voltaram mais, os que retornaram, passaram por grande luta em busca do território sagrado, que foram expulsos. um dia ele estava pescando na praia, chegou um homem comprando cobre. Perguntou, porque ele morava ali, então ele começou a contar sua história. O homem pediu para ele viajar até o Rio de Janeiro, que lá teria um órgão que poderia ajudar na conquista do território, os parentes estavam todos espalhados em fazendas e vilarejos próximos da aldeia.

E seu sonho era juntar todo seu povo novamente, pois sabiam que eles estavam passando por momentos difíceis na época, muitos tinham medo de falar que era indígena, mesmo assim ele foi em busca de alguns parentes para eles voltarem para aldeia, e ajudar ele a conquistar as terras novamente. Com isso os indígenas foram voltando para seus lugares de origem, Santana como era chamado quando novo, passou a ser chamado por seu povo de seu "Pedro". Seu Pedro porque era apelido que ele dava para as pessoas, então eles responderam ele chamando de seu Pedro também, aí ficou apelido de Pedro.

Naquela época Santana tomou coragem reuniu um grupo de pessoas para seguir viagem para Rio de Janeiro, os guardas do IBDF (Instituto brasileiro de Defesa Florestal) ficaram sabendo da viagem e ameaçaram aquelas pessoas, mandando recados, se os homens fossem viajar, as pessoas que ficassem, eles iam dá uma surra e expulsar da aldeia. Então muitos dos parentes ficaram com medo de viajar, largar seus familiares, pois ali nesse lugar já tinha acontecido um massacre do seu povo.

Os parentes viajaram para o Rio de Janeiro em busca dos seus direitos territoriais, foram em busca de apoio do SPI, pois a sede de resolver os assuntos indígenas naquela época era no Rio de Janeiro.

Santana disse para seus parentes para eles viajarem, que ele cuidaria de seus familiares até a sua volta. Santana era como um pai das demais famílias, o respeito e a confiança que os pais de família tinham com ele não deixava ele desistir, dava força para ele lutar cada vez mais por seu povo. A luta e cuidado de Santana por seu povo já vinha de muitos anos. Fico feliz em ver lideranças respeitadas como o senhor Neilton falando sobre a luta de meu avô:

“Meu nome é Neilton mais popularmente conhecido como “Pisca” aqui de Barra Velha sou liderança, e a vivência de Manoel Santana aqui foi muito boa, aqui em Barra Velha, o que ouvi falar dele desde as lutas dos anos 40 da época do finado Epifânio, que ele é assim uma liderança anônima que não apareceu muito, mais que ajudou muito né, segundo ele as viagens dos mais velhos ele ajudava muito, ficava no trabalho da comunidade de tomar conta da aldeia, eles viajavam e ele ficava tomando conta do povo que ficava, então ele pescava botava rede aquele peixe ele dividia com a comunidade com quem ficava na época era bem pouquinho muito pouco família mais ele tinha esse trabalho dentro da comunidade de Barra Velha” (Liderança Neilton (Pisca) da aldeia Barra Velha, 2022).

Santana sempre foi um pajé, sua trajetória é linda dentro do território Barra Velha, seu modo de liderar, inspira muitas jovens lideranças até os dias de hoje. Com toda confiança deles pais de famílias que tinham em Santana os parentes viajaram e assim ele ficou esperando os guardas que não apareceram, e começou mais uma luta de Santana em busca de ajuda para reconstruir a aldeia. Ele ficou esperando os parentes que viajaram para o Rio de Janeiro. Na volta para a aldeia aqueles homens encontraram alguns representantes do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), e com esse encontro conseguiram uma boa notícia para seu povo, que era a permanência na aldeia, eles não precisavam mais sair da aldeia.

A trajetória de Santana como liderança não parou mais, desde de Barra Velha, sua luta continuou, veio embora para Boca da Mata, onde começou um novo desafio na criação da aldeia. Em Boca da Mata, ele passou a fazer viagens junto a novas lideranças, já chegou até a vender suas roupas para fazer viagens para ajudar o povo da aldeia.

Porque dentro da aldeia não tinha um transporte então tinha que sair de pé e ir até um ponto distante da aldeia para pegar o ônibus que tinha na época e ia para o Montinho, de Montinho pegar um ônibus para Eunápolis. As condições sobre transportes para sair da aldeia não era boa, tinha muita dificuldade. Quando alguém adoecia as famílias tinham que sair andando até a pista para pode ir até o hospital como relembra o cacique Carajá:

“Em 84 fomos pra Brasília mais Mané Santana e Elir, e era muito difícil pra nós até nessa situação pra gente viajar. Mané Santana foi um dos guerreiros, um dos lutador inclusive um dos nossos professor que ensinou bastante a batalha pra nós, a nossa luta nós aprendeu com ele defender uma questão do nosso direito, e os caciques de Barra Velha na verdade, os cacique que a gente conheceu, Zé Baraiá, Pisca, Romildo e outras lideranças que já são mais novos, mas os mais velhos a gente trabalhamos juntos, e pra nossa história o sofrimento era muito grande a gente tinha que andar de pé de Barra Velha a Porto Seguro pra nós conseguir alguma coisa pra nossa comunidade ou andar de pé de Barra Velha a Monte Pascoal de pé”.(cacique Carajá, trevo do Parque 2021).

Então foram várias as dificuldades para os caciques e lideranças daquela época, para viajar e sair da aldeia e também a dificuldade financeira já que não tinham recurso financeiro para viajar, imagino quantas vezes Santana teve que vender alguma coisa para ajudar as famílias, suas roupa, artesanatos e outros afazeres que ele fazia para esta

ajudando quando pudesse, sei que para buscar melhoria para própria comunidade tem um custo bem alto a pagar. Hoje Santana está doente, vive com seus familiares e não pode mais viajar. Hoje em dia são seus filhos, netos e outros parentes que são lideranças da aldeia, eles que fazem essas viagens, tomaram a frente na luta e são grandes líderes de respeito para nossa aldeia.

Então observando e escrevendo sobre meu avô vejo como é difícil ser um grande líder para seu povo, não basta apenas querer ser liderança, precisa nascer com o espírito de liderar um povo, uma nação indígena, o respeito e a luta de cada um. E ir buscar meios onde as vezes não tem para ajudar quem precisar, ser líder e servir. E ter respeito e saber respeitar cada pessoa, seu modo de falar e andar, saber onde vai e onde está pisando, pois, nossa terra é sagrada e precisamos ter respeito.

5. Manoel Santana e a Política da Comunidade: saúde, educação e reflorestamento

Na sua trajetória Manoel Santana sempre foi ouvido, pois suas ideias sempre foram bem sucedidas, conhece todo território pataxó e as pessoas que aqui vivem, sempre lutou em busca da demarcação do território, é um defensor da educação, quando não tinha escola em Boca da Mata, fez muitas viagens a Brasília para cobrar uma escola de qualidade para seu povo.

Na área da saúde também foi bem desafiador, para os moradores e lideranças de Boca da Mata, as dificuldades e desafios eram muitos, se uma pessoa ficasse doente naquela época, como a aldeia era nova, ela era uma extensão de Barra Velha, tinha que sair andando para pedir ajuda, a saúde também era de responsabilidade da Funai, por mais difícil que era sempre eles ajudavam. Quando os profissionais chegavam de Governador Valadares para fazer atendimento, em Barra Velha, eles tiravam uma equipe que viajava dois dias de cavalo pela mata, com medicamentos e equipamentos até chegar aqui em Boca da Mata e atender as pessoas.

Meu pai Patxyó que é filho de Santana conta que quando a Funai dominava a saúde, a educação para nós indígenas era um pouco fácil, porque todo recurso que vinha, vinha pra Funai. Então eles cuidavam dos recursos, trabalhavam melhor e naquela época a política da Funai era uma política diferente dessa política que a gente vê hoje. Santana sempre acompanhava aquelas pessoas que viajavam para fazer um exame, pois naquela época não tinha agente de saúde, então eram as próprios lideranças que acompanhavam os pacientes.

Quando tem reuniões dos caciques e conselheiros no território, escuto algumas falas dos líderes mais anciãos, sobre o respeito pela Funai de antigamente, o respeito que os funcionários tinham com o povo, nos momentos de conversas com pessoas de minha família vejo os relatos como era antes. Hoje enfrentamos grandes desafios para sair e ir até o município de Porto Seguro, para fazer um exame, são tantas as burocracias e, às vezes, não conseguimos realizar esses exames, saímos cedo da aldeia e voltamos tarde da noite, para nossas casas e sem uma resposta.

As pessoas que trabalhavam na Funai, segundo meu pai eram pessoas indigenistas, que estudavam a vida do índio nas terras indígenas e tinha vontade de trabalhar com os indígenas, as coisas pra gente era mais fácil. Quando adoecia um pataxó que levava em Eunápolis, Porto Seguro e não dava jeito, a Funai tinha que pagar um avião e uma ambulância para levar para São Paulo, Governador Valadares.

Nos dias de hoje a saúde indígena complicou muito, antes com tantas as dificuldades as coisas fluíam, hoje já não mais, depois que desvinculou a saúde, Educação da Funai que foi para o município, foi para o estado, hoje vemos a dificuldade que temos. Com tantos os desafios, hoje temos uma equipe que vem atender as famílias no posto da aldeia. Temos agente de saúde, é um técnico de enfermagem, que é indígena e mora na aldeia. Sei que muitas coisas ainda vão melhorar, mas enquanto isso não acontece, estamos sempre reivindicando nossos direitos, pela saúde, educação e principalmente nosso território. Como nos conta o cacique Alfredo:

“Hoje cria uma briga política dentro desses setores entre indígenas, não indígenas que as vezes dificulta o trabalho, dificulta a saúde chegar onde deve chegar se todas as pessoas tivesse os olhos de brigar

por um só objetivo de lutar pelo seu próprio direito, de lutar para quem precisa que está lá na ponta que não tem conhecimento de ir lá fora buscar, de ir comprar seu medicamento, passar por um médico. Mas hoje a política indígena é uma política diferente dos nossos velhos de lá do passado então a gente precisa rever essa situação para brigar todo mundo pelo próprio direito, porque pelo jeito que as coisas vai hoje só vai dificultando cada um quer puxar o melhor pra você né, e nós povos indígenas somos um povos só, o que um precisa o outro precisa, o que uma aldeia precisa a outra também precisa. Então assim eu vejo hoje a diferença de nossos velhos como eles lutavam né, porque uma liderança hoje ele não pode só olhar pro umbigo dele ele não pode ter usura ele tem que trabalhar por todos né e dividir o que conseguir para toda comunidade. Então pra mim o que eu vejo hoje a dificuldade na questão política que cada um quer puxar pro seu lado, então enquanto as pessoas realmente ficar nesse vício, nesse caminho, nós comunidade indígena nunca vai chegar determinado lugar nenhum que podemos também ter um poder, um espaço para dominar nessa questão política no estado e no município” (Alfredo Santana, Boca da Mata, 16 de janeiro de 2022).

Cada ano fica mais difícil para nós, mas estamos sempre nos movimentos para buscar melhorias para nossos parentes filhos, nossos velhos anciões, que precisam de cuidados especiais, sabemos que a luta de uma etnia não é só dela e de todos nós indígena pataxó e indigenistas que acreditam na luta de nossos povos.

O sonho de Manoel Santana era ver seus parentes trabalhando na aldeia, o sonho dele era criar seus próprios profissionais nas suas áreas de trabalho tanto na Saúde, Educação, Saneamento básico, assim ele brigou para construção de uma escola na comunidade onde as crianças deveriam estudar e formar seus professores indígenas.

A luta foi grande em prol da educação, procurar professores para trabalhar na aldeia naquela época foi difícil. O cacique Jurandir recorda as falas de Manoel Santana, pois em suas caminhadas de luta ele sempre fez questão de falar seus objetivos para seu povo.

“hoje estamos na luta assegurando essa luta por motivo dos nossos outros anciões, ele mesmo falava sobre a questão da saúde, educação... pra ver todo mundo sendo um prefeito, sendo um senador, um deputado, um vereador, o sonho dele ainda é ainda o sonho dele ainda nós liderança pegamos essa luta que ele já deixou pra nós e nós estamos aí para poder lutar e sempre pensando nele” (Cacique Jurandir, aldeia Trevo do Parque, 2021).

Então na própria aldeia enquanto não tinha escola, os alunos aprendiam em casa mesmo com seus pais, os afazeres do dia a dia, plantar e saber os períodos das luas certas para plantar, cada tipo de plantação, como batata, milho, feijão, mandioca, essa era a escola de antigamente para muitas famílias.

Alguns anos depois apareceu um senhor por nome João, ele viveu fora da aldeia por muitos anos, e ele sabia ler algumas coisinhas, então a comunidade naquela época se reuniu e pediu a ele que ensinassem as crianças, em troca pagariam ele com alimentos produzidos ali mesmo na aldeia. Ele aceitou a proposta e passou a ensinar as crianças,

muitos anos passaram até conseguirmos a primeira escola pela Funai, em Boca da Mata. Alfredo relembra os desafios que os líderes naquela época enfrentaram para ter sua primeira escola:

“Boca da Mata quando chegamos para aqui, as coisas não era muito fácil, não tinha estrada, não tinha apoio nenhum, o único apoio que tinha era da Funai na época. Lembro que tinha um colégio ali onde Vado mora hoje, um colégio feito de bloco de barro né feito pela Funai né e naquela época a assistência era pela Funai tanto a saúde quanto a educação tudo pela Funai né e os professores que trabalhava naquela época foi Irene, foi Angélica, Antônio agrícola foi um técnico agrícola que veio pela Funai” (Cacique Alfredo Santana, aldeia Boca da Mata, 16 de janeiro de 2022).

Vieram professores não indígenas e começaram a ensinar na aldeia. Mas naquele tempo as coisas eram difíceis, eles ficavam sem receber o dinheiro, e acabavam indo embora, pois não tinha condições de ficar na aldeia a situação era muito precária, para a permanência dos professores. Foram muitos anos de lutas até conseguir a primeira escola na aldeia, outro desafio veio em busca pessoas dentro da aldeia para sair para estudar e se formar para ser um professor, nesse período só tínhamos professores não indígena para dar aulas. Foram vários os professores não indígenas que deixaram sua contribuição em Boca da Mata, somos gratos por eles terem ajudado no avanço da educação.

É graças a niamisu e aos esforços das lideranças que por aqui passaram, hoje na aldeia Boca da Mata temos uma escola bonita de qualidade que ensina nossas crianças e jovens. Hoje temos professores formados que para nossa aldeia e muito orgulho, na escola são trabalhados desde a creche, fundamental I, fundamental II, Ensino Médio e uma sala da UPT, Universidade para Todos, um programa da UNEB e (curso preparatório para Vestibular) todos professores são indígenas da aldeia. Ver o sonho do meu avô santana realizado, só tenho gratidão por ele ter pensando e busca incansavelmente por melhorias para seu povo. Sei que esses cursos que fizemos foram frutos dos trabalhos desses anciãos, muitos já se forma para o plano espiritual, mas seu legado continuou, com a nova geração.



Imagem 13: Construção da atual escola no ano de 2002, aldeia Boca da Mata. Foto do livro Histórias e Memórias. Sobre a Escola Pataxó Aldeia Boca da Mata, 2020.



Imagem 14: Escola Sede, Escola Indígena Pataxó Boca da Mata, fotografia de Ektanay Pataxó, 2019.

Na política santana conheceu José Ubaldino Pinto candidato a prefeito, que ajudou na abertura das estradas para acesso a comunidade, também construiu a primeira escola na aldeia. Santana sempre teve uma boa relação com os não índios, é um grande pensador sobre a educação, sempre incentivou seus filhos a estudar, por isso sua família sempre teve grande referência na comunidade.

No ano 2000, aldeia Boca da Mata começa perder as matas, com a chegada de turismo na nossa região, grande parte dessas matas foram destruídas, então Manoel Santana coloca mais um dos seus projetos, ou seja, mais um dos seus sonhos em prática, tinha em mente um projeto de reflorestamento das áreas desmatadas e queimadas da aldeia.

Ele começou a trabalhar com as mudas nativas e frutíferas dentro da aldeia, ele coletava as sementes e fazia as mudas, foram anos trabalhando com reflorestamento.

Mas com o tempo seu trabalho foi crescendo, ele teve a ideia de criar seu próprio viveiro no fundo da sua casa. Com ajuda de algumas pessoas da aldeia e seus filhos, ele conseguia cuidar e plantar essas mudas. Santana sempre trabalhou com parceria com a escola, pois acreditava que a escola tinha que ajudar e conscientizar o seu povo, a cuidar bem da natureza.



Imagem 15 e 16: Fotografia do Jornal do Mosaico, publicou o primeiro plantio do pajé Manoel Santana, de árvores nativas com os alunos da Escola Indígena Pataxó Boca da Mata em 2005.

Sobre este projeto de reflorestamento de Santana, Alfredo afirma o seguinte:

“o viveiro dele, ele sempre foi dando continuidade, como realmente as coisas foram avançando, temos novos conhecimentos né, pessoas que passavam por aqui, turista que ia para praia e voltava e viu que realmente ele fazia aquele trabalho dos viveiros de reflorestamento. Um dia um falou “Seu Manoel porque você não busca recursos para trabalhar?” ele falou, mais onde vou buscar recurso? Mais tem o meio ambiente, tem recurso o governo tem recurso pra fazer viveiro para isso, ele falou: "oh, mais eu comecei plantar aqui o pessoal do meio ambiente disse que ia arrancar então eles não tem nenhuma iniciativa de plantar né?". Aí nós buscamos essa parceria trabalhando no viveiro conseguimos agora em 2004 essa parceria com o banco do BNDS, antes do BNDS tinha uma cooperativa em Caraíva, que me esqueço o nome da cooperativa, que na época o presidente era Luizinho que trabalhou com a natureza bela na região né tava atrás de gente para trabalhar nesse reflorestamento. Como a gente já tinha essa iniciativa, fomos convidados para participar desse reflorestamento, eles viram que dentro do viveiro de Manoel Santana que ele estava fazendo realmente poderia ter esse potencial de criar mesmo um viveiro grande pra fazer o reflorestamento de todas áreas degradadas da própria

comunidade do parque” (Alfredo Santana, Aldeia Boca da Mata, 16 de janeiro de 2022).

Na época que foi criado o Parque Nacional Monte Pascoal na terra pataxó, ele travou uma briga com o povo do órgão IBDF (Instituto Brasileiro de Defesa Florestal), onde eles queriam que os indígenas saíssem de suas terras onde moravam, mas ele foi insistente e não saiu. Em relatos de lideranças e moradores de Boca da Mata, o clima ficou muito tenso na região, pois os parentes pataxó estavam reivindicando a demarcação do território Barra Velha.

Houve uma reunião em Barra Velha com várias organizações e órgãos ambientais, para tentar ter um acordo sobre uma forma de trabalho. Naquela época o próprio IBDF, impedia os indígenas de plantar suas roças e trabalhar com seus artesanatos, e tirar suas piaçavas, pois era apenas seus meios de sobrevivência. Cercas separava o parque da aldeia, roças foram destruídas e o povo impedido de trabalhar.

Era grande a pressão do IBDF, sobre o território pataxó e ali mesmo em Boca da Mata foi feita uma segunda reunião, no dia 16 de agosto de 1999, onde segundo os relatos o clima ficou tenso entre indígenas e órgãos ambientais, que acusavam os indígenas de estar destruindo o parque e que eles teriam que cuidar melhor daquele ambiente. Santana até tentou propor um acordo com o IBDF naquela época, que ele mesmo junto com sua comunidade plantaria árvores nas áreas degradadas.

Em conversa com meu pai Patxyó, ele conta que meu avô, falou que seria bom ter o IBAMA, como parceiro para ajudar, ali mesmo na reunião ele se comprometeu a fazer os plantios de árvores frutíferas, como a jaca, caju, abacate, o goti (tipo de árvore frutífera nativa da mata) dendezeiros, mangueiras entre outros tipos de plantas, ele acreditava que com esses tipos de plantas serviam para as caças e pássaros comer e aos poucos elas voltar para próximo da aldeia.

Porém a chefe do Parque naquela época, não quis acordo e falou para meu avô que se ele plantasse árvores próximo ao parque ou na linha de divisa, ela mandaria cortar todas. Então Santana, disse a ela que ela não queria a proteção do ambiente, mas sim suas terras, como relata Alfredo em entrevista:

“A questão do reflorestamento de Boca da Mata foi um trabalho também que Manoel Santana sempre brigou pra isso acontecer mas quando ele começou trabalhar no reflorestamento não tinha apoio nenhum. Ali onde Mathias mora hoje tem um pé de Pau-Brasil que a gente morava ali, aí ele fez um pequeno viveiro no fundo da casa dele e começou plantar as mudas foi um sonho que ele sempre tinha de trabalhar nesta área do meio ambiente. Sempre defendeu o meio ambiente, então ele começou a fazer o viveiro, e quando ele já tinha as mudas começou plantar dentro da comunidade mesmo, em volta do parque, essas mudas dele mais não tinha apoio, foi continuando, continuando. Até que um dia a chefe do Ibama que na época era a doutora Carmen ficou sabendo que ele estava plantando as mudas na volta do parque, nas estradas do parque, então ela mandou falar pra ele “ fala lá com senhor Manoel lá que se ele continuar plantando nós vamos arrancar”. O cara deu recado a ele, ai ele disse: “ué, como que hoje eles são pago pra cuidar do meio ambiente e eu tô cuidando e eles

querem arrancar, isso tá errado, pra cuidar do meio ambiente, sou eu que tenho que cuidar, eu sempre cuidei sempre zelei". Aí ele criou também uma briga entre a comunidade e o Ibama, assim ele continuou com o projeto dele de reflorestamento, naquela época, em 1985, foi criado o conselho de caciques, os caciques era todo unido de Pau Brasil à Prado todo mundo unido, aí ele era cacique, chamou todos caciques, fizemos uma reunião aqui em Boca da Mata, a reunião durou três dias nesse colégio aqui e resolvemos ir lá e tomar o Parque"(Cacique Alfredo Santana Boca da Mata, 16 de janeiro de 2022).

As lideranças presentes na reunião esperam uma resposta dele e, muito certo de sua decisão, falou que iria plantar as árvores e esperava o IBDF ir cortar. Para Santana esse seria um bom trabalho, pois ele gostava e já vinha fazendo esse trabalho dentro da aldeia. Foram anos trabalhando sem ajuda alguma de órgãos ambientais, só depois de velho e cansado das lutas diárias ele conseguiu uma parceria.

E ainda naquela mesma semana, os pataxó tomaram a decisão de retomar o Parque Nacional Monte Pascoal. Foram várias as lutas com lideranças de diferentes aldeias pataxó e povos, que vieram para ajudar nessa luta. Muitas das famílias que foram para a retomada, retornaram para suas aldeias e outras permaneceram morando. Hoje meu povo reside na Aldeia Pé do Monte, o cacique de lá e o filho de Manoel Santana o Oziel Santana conhecido também como Guarú ou Braguinha, hoje já tem escolas e alguns projetos da aldeia, as famílias vivem da agricultura e do turismo com visitas guiadas para conhecer as trilhas e subir no Monte.



Imagem 17: Pataxó na retomada do Pé do Monte: mulheres, homens e crianças. Acervo de Edimarcos Santana.



Imagem 18: Santana e outras lideranças pataxó durante retomada do território Barra Velha aldeia Pé do Monte. Fotografia de Edimarcos Santana.

Depois de retornar a Boca da Mata, os trabalhos com o Reflorestamento continuaram, Santana reuniu pessoas da comunidade e mostrou a sua ideia: criar uma cooperativa. Assim o projeto cresceu, tornou-se uma fonte de renda para pessoas da aldeia Boca da Mata, aldeia Meio da Mata e aldeia Cassiana, aos poucos esse projeto foi se tornando grande, foi criado um viveiro de árvores nativas e hoje mudas nativas são vendidas para empresas que fazem reflorestamento na aldeia e na região. Em entrevista com Alfredo Santana ele relata como esse projeto foi desenvolvido:

"Aí foi trabalhar né Mathias e mais uma equipe foi trabalhar com esse trabalho deles veio um pessoal do BNDS pra conhecer o trabalho da associação de Caraíva. Aí quando eles vieram em Caraíva vieram na aldeia também aqui viram que poderia ajudar nessa época aí a gente fez um contrato com o banco do BNDS, essa época cacique já sabia também caminhar e fomos, fiquei uma semana em Rio de Janeiro, fomos eu, Alfredo, Alvai, e o professor da faculdade, o Paulo Dimas. Fomos lá negociar com o banco apresentar nosso projeto pro banco financiar diretamente para as comunidades e começou a melhorar as coisas, trouxemos projetos de reflorestamento para as comunidades junto com eles hoje. Santana não domina mais essa questão do viveiro a mais de dez anos entregou para Mathias e falou Mathias vou te entregar esse trabalho para você dar continuidade no meu trabalho então hoje Mathias ta tocando esse viveiro aí porquê? Porque foi uma iniciativa dele e ele tem o compromisso hoje com meio ambiente com

a comunidade de dar continuidade e não parar né e hoje temos a cooperativa nossa que é o Cooplanjé, que foi o BNDS que liberou o recurso para criar a cooperativa e estamos aí tocando, aí o nosso objetivo é dar continuidade, passar de pai para filho, e nós não queremos que essa visão do meio ambiente seja apagada, dando continuidade com todo esse processo que Manoel Santana deu” (Alfredo Santana, Aldeia Boca da Mata, Janeiro de 2022).



Imagem 19 e 20: Alunos e professores com o Matias no viveiro Cooplanjé escolhendo mudas para fazer um plantio em uma nascente. Matias é filho do Manoel Santana e é responsável pelo viveiro atualmente. Fotografia de Ektanay Pataxó, 5 de junho de 2017.



Imagem 21: Alunos na nascente para fazer plantio, 5 de junho de 2017.

O projeto de Manoel Santana é referência que outras aldeias querem levar a ideia de reflorestar as áreas degradadas em torno do Monte Pascoal e em seus territórios tradicionais. Santana depois que adoeceu entregou a responsabilidade da cooperativa Cooplanjé e o projeto para seu filho Matias. Até os dias de hoje é ele que cuida e toma conta do viveiro e da Cooplanjé. Os projetos de Santana sempre foram visando ajudar as famílias, ter formas diferentes de trabalhos, serem autônomos e trabalharem para eles mesmos. Seja na área da saúde, educação e o próprio reflorestamento de nossos territórios sagrados e tradicionais pataxó. Na escola de Boca da Mata sempre está sendo trabalhado essa parceria com a Cooplanjé nos plantios de mudas nas nascentes e nas áreas degradadas, sempre vejo que essas parcerias com as organizações da aldeia vêm acontecendo.

6 - A pajelança e espiritualidade de Manoel Santana

Sua luta sempre foi em busca de melhoria para comunidade foi liderança por muito tempo, depois cacique, sempre foi um homem estimado pelo seu povo, uma pessoa honesta e respeitada pelas famílias da aldeia, atualmente Manoel Santana é o pajé de Boca da Mata. Ele foi escolhido a ser pajé da sua aldeia em um encontro de pajé que ocorreu na aldeia Tuxá na cidade de Rodelas, localizada no Norte da Bahia, às margens do Rio São Francisco, em um evento chamado E 14, encontro de cultura dos quatorze povos da Bahia.

Nesse evento ocorreram várias atividades, relacionadas com a cultura e os direitos dos povos indígenas, foi lá que aconteceu o ritual com lideranças e caciques e pajés de diferentes povos e aldeias. Santana sempre foi um líder espiritual de seu povo, e nesse ritual o grande espírito escolheu ele para liderar seu povo como pajé. Santana um líder de muito respeito por todos na aldeia, já tinha suas responsabilidades enquanto líder do seu povo, passou a se dedicar cada dia mais pelo seu povo.

Ele sabia que dali para frente sua luta pelo seu povo não seria apenas física, mas sim teria que buscar sabedoria com os espíritos para liderar seu povo no caminho certo. Com muita dedicação e seus conhecimentos das rezas ele foi buscar orientação com os espíritos, para poder ajudar e saber ter orientação em cuidar de sua aldeia, com seu respeito ele conseguiu ajudar muitas famílias, como indica o relato de Alfredo:

“Nessa questão até onde eu conheço o pajé ele vem com um dom né, já vem com dom de cuidar do seu povo, como eu falei esse nasceu dentro de Barra velha e veio para aqui o que ele vem fazendo e se preparando espiritualmente para cuidar do seu povo, então não é assim ah você hoje, a parti de hoje vai ser o pajé, não o pajé é uma pessoa dentro da comunidade religiosa que tem esse conhecimento, que respeita a comunidade que trata bem todo mundo que tem esse domínio do espiritualismo e as pessoas respeita ele ali como um pajé eu vejo como chefe geral”. (Alfredo Santana, Boca da Mata, 16 de janeiro de 2022).

Ele sempre buscava fazer eventos na aldeia para que todos estivessem juntos, com respeito a todos. Um dos eventos que ele sempre gostou foram as festas de Reis, São Sebastião, São Braz e Santo Antônio. Santana sempre foi um homem devoto nas rezas e nos festejos de Reis, pois ele sempre esteve à frente desses eventos para que não acabasse.

Me lembro quando meu avô conversava com meu pai, que as noites quando as famílias dormiam na suas casas na aldeia ele ficava a noite toda rezando em proteção das pessoas da aldeia, ele só ia dormir depois das três horas da manhã, segundo ele, depois desse horário os espíritos ruins não atacariam a aldeia. O medo dele era que o inimigo o vencesse nas rezas e tomasse a aldeia. Mas graças a Deus e as orações dele isso nunca aconteceu. Hoje vendo ele, o grande líder espiritual da aldeia doente, fico imaginando, a nossa aldeia daqui para frente. Hoje temos pessoas que fazem rezas, que aprenderam com ele, mas muitas rezas foram perdidas, pois muitas não foram ensinadas também. Em entrevista Alfredo relembra como era santana quando estava saudável:

“Nessa questão espiritual eu tenho muito orgulho, essa questão espiritual que o próprio Manoel Santana tinha, ele era uma pessoa que naquela época que nós não tinha transporte, não tinha estrada, quando a mulher ia ter neném que tinha complicações no parto ele era chamado para ir rezar ele andava 1 quilômetro, 2 quilômetros para ir rezar na pessoa quando ele chegava que via que a mulher estava com muita dificuldade ele já tinha já o jeito dele se preparar espiritualmente para ajudar aquela pessoa” (Alfredo Santana, Aldeia Boca da Mata, janeiro de 2022).

Muitas dessas experiências e rezas foram aprendidas por algumas mães dentro da aldeia, as parteiras e também as benzedeiras da aldeia. Os banhos de ervas medicinais, os chás, ele tinha toda uma ciência, um resguardo na preparação dessas medicinas. Santana sempre foi uma pessoa de muita dedicação na medicina tradicional pataxó, homem de respeito e religioso. Se tornar um pajé requer muito conhecimento, principalmente espiritual, deve ter conhecimento da vida e da morte, conhecimentos espiritual da natureza, saber entrar nas matas e conhecer os segredos que ela guarda, o conhecimento dos mangues, do mar, saber entrar e sair desses lugares sagrados, conhecer onde pisar e saber como pisar nesses lugares sagrados para o povo. Ter conhecimento das rezas, dos chás, dos banhos para doenças e para limpar o corpo, o espiritual, esses conhecimentos são passados pelos espíritos, conhecer sobre os cantos e o poder que tem quando estamos em uma luta seja espiritual ou física. Quando perguntado sobre esse tema, o Cacique Guarú afirmou:

“Ser um pajé tem que ter ciência né, essa ciência o pajé tem que saber rezar de espinhela caída, saber rezar de peito aberto, de rezar de engasgo, então o pajé tem que ter essas orações com ele né. Essas orações como eu aprendi com meu pai, minha mãe, meu tio Firme e outros mais tá entendendo? Então o pajé não pode ser assim eu sou um pajé, e não saber e não ter esse conhecimento, tem que ter conhecimento da medicina tradicional, que hoje nas nossas aldeias dentro do nosso Parque Nacional Monte Pascoal tem essas ervas medicinais que trata do câncer, da febre, da dor de cabeça. Então o pajé precisa ter todo esse conhecimento para tratar de seu povo né, e serve também para ele manter nossa cultura indígena, então nós pra ser um pajé, tem que saber, eu não sou um pajé mais sou filho de um pajé, mais hoje graças a Deus, através do meu pai como pajé eu aprendi e aprendendo então esse conhecimento eu quero levar pros jovens para as escolas né, como já faço esse trabalho com minha comunidade incentivando os jovens né, pra poder eles ter esse conhecimento na prática” (Cacique Guarú, Aldeia Trevo do Parque, 2021).

Então Manoel Santana é assim uma pessoa muito devoto ele sabe muitas rezas, ele sabe rezas para várias coisas da nossa vida, em minha família nós netos, aprendemos algumas com meu pai, que ele já aprendeu com meu avô, meu pai, minhas irmãs, e eu, sabemos algumas para nossa vida cotidiana.

Pois os ensinamentos que ele ensina diz que não devemos nos separar de nossas rezas e quando ensinar não devemos passar tudo que sabemos. Esses conhecimentos já vem de muito tempo sobre as rezas e a medicina pataxó, em minha família esse conhecimento e presente todos os dias, e sempre foi passado para os mais novos, tanto por parte do meu pai, quanto de minha mãe, somos de família tradicional, das rezas e da medicina ancestral.

Isso tudo é conhecimento, em conversa com algumas pessoas sempre relataram que ele sabe rezar bem. Rezas de casamento para quem quer casar, o cacique que for escolhido para ser um pajé, tem que ter todos esses conhecimentos. Ele também tem que ser uma pessoa espiritual, precisa cuidar da espiritualidade. Se preparar porque ele está na linha de frente cuidando de um povo.

Antigamente os jovens que já tinha vontade de ser uma liderança, ele acompanhava os líderes mais velhos na luta, para assim aprender com eles. E ao longo de muitas conversas com pessoas de várias aldeias pude observar, como eles falavam sobre Santana, seu sonho e modo de liderar seu povo como cacique e pajé, como confirma Alfredo Santana:

“O cacique as vezes pra fazer qualquer trabalho dentro da comunidade no meu tempo na época dele a gente consultava ele até porque ele é como um papa da comunidade o pajé porque tudo de ruim que vem contra comunidade ele vai ali cuidar, rezar, ele vai se preparar pra não deixar algo ruim cair pra cima do povo, porque o povo está na mão dele, então pra ser um pajé não é só falar. Ah! hoje vou ser um pajé porque eu sei falar Patxohã, porque eu sei rezar, não é isso não gente, pajé é uma pessoa muito respeitada dentro da comunidade, uma pessoa muito religioso né então né então nós temos que ter o carinho de cuidar de uma pessoa dessa como ele cuida da gente então hoje eu vejo que as pessoas acham bonito, pela vaidade por isso e isso então tudo tem que ter o respeito tem que ter o compromisso com a comunidade, um pajé não vira ele nasce pra cuidar da espiritualidade indígena.

Então assim Manoel Santana como eu falei é uma pessoa muito devoto ele sabe muitas rezas né, ele sabe da reza de quando as pessoas tá com dividida pra receber, ele sabe dessa reza, às vezes o cara quer casar ele sabe dessas rezas, um pouco aprendi com ele, até mesmo o cacique né ele também tem ser uma pessoa espiritual, ele tem que cuidar da espiritualidade, tem que se preparar porque ele tá ali em frente o povo e ele também é uma pessoa que está em frente para defender então tem que estar preparado né então tudo isso aí né eu falo porque eu venho acompanhando e acompanhei muito a liderança naquela época, naquela época à vinte cinco ano atrás um cacique ele era colocado na comunidade pelos mais velhos, aí olhava aquelas pessoas que tinha aquele domínio que poderia cuidar da comunidade, que podiam viajar” (Cacique Alfredo Santana, Aldeia Boca da Mata, 2022).

As pessoas de Boca da Mata o apelidaram de seu “Pedro”, Manoel Santana não pensava só nele e ele falava parente vai para escola porque seu dinheiro está no banco,

Santana era procurado na aldeia para tudo, ele fazia o planejamento das ações que o povo praticava na aldeia, em relação ao meio ambiente ele tinha uma grande preocupação, com a chegada do turismo na nossa região.

O povo pataxó passou a retirar muitas árvores para a prática artesanal, com isso ele já alertava as pessoas, de sua aldeia, como trabalhavam do artesanato, ele ensinava que se cortar uma árvore plante outra, pois ele pensava nas futuras gerações, e avisava que ia chega época que ia fazer falta se nós não replantar o que tiramos da natureza.

Mais o povo não deu muita importância e só tirava foi aí que ele teve a ideia de sozinho começar a fazer reflorestamento para recuperar aquelas árvores destruídas pelas pessoas e por queimadas, que acontecia em nosso território, ele dava sua vida pelo seu povo, para ir as viagens ele vendia suas roupas, galinhas que tinha em casa para ir a Brasília.

Como não tem salário para cacique que ajudava ele nas suas andanças como líder era seu filho, Patxyó, que fazia artesanato, vendia e ajudava quando ia viajar. Recordo do meu pai lembrando sempre das palavras dele. Ele falava para meu pai, filho você estuda porque quando você ficar da minha idade você não vai conseguir trabalhar, com enxada e machado como você trabalha hoje, assim seu filho Patxyó, tinha parado de estudar, e com 30 anos de idade, fez fundamental, ensino médio, magistério indígena e hoje está no último ano de uma Licenciatura Intercultural Indígena, no IFBA, Porto Seguro.

Então Manoel tinha sonhos e projetos para seu povo foi a Brasília e conseguiu junto ao Governo Federal, um bom colégio para aldeia que atende desde o pré ao ensino médio. Nossa aldeia tem hoje cerca de 300 famílias e 400 alunos que vão do pré ao ensino médio, com muita luta e esforço conseguiu trazer para aldeia, saúde, energia, saneamento de água, e estrada que liga Boca da Mata a Barra Velha.



Imagem 22: A atual Escola Indígena Pataxó de Boca da Mata, escola que foi reivindicada por Santana. Fotografia de Ektanay Pataxó, 2018.



Imagem 23: Formatura indígena na escola de Boca da Mata, o pajé Manoel Santana foi um dos convidados a sentar junto com professores, lideranças da aldeia e o cacique. Acervo de Edimarcos Santana.

Manoel Santana via e previa as suas práticas através de sonhos, ele era rezador, tinha suas profecias e crença tradicionais, se ele hoje ainda tivesse com suas práticas, tenho certeza que ele estava pronto para fazer vários remédios e banhos contra essa doença que está aí matando o povo, pois ele usaria sua fé e crença para fazer sua cura.

São tantos os dons de Manoel Santana que fico orgulhosa de escrever e falar sobre ele, pois ele sabe rezar se estiver na aldeia uma pessoa com vários dias doentes e não melhorar, se ele rezar ele sabe se essa pessoa vai viver ou vai morrer, ele reza na pessoa e faz seus preparativos e no outro dia ele dá notícia aos familiares. Como revela Alfredo Santana:

“Então tinha pessoas que tinha medo de chamar ele para rezar, se ele falasse eu sonhei e vir fulano de tal vindo do rio com uma panela de agua na cabeça que ela ia pega agua, ou com um fecho de lenha ou inchada nas costas indo pra roça é sinal que a pessoa ia viver, mais quando ele rezava e não tinha visão de nada, não via nada na pessoa ele falava não fulano não demorar muito tempo e vai morrer então ele tinha esse dom espiritual, até porque hoje eu vejo agente pra ter alguém na comunidade tem que ser uma pessoa que tem muito respeito pela comunidade trata bem as crianças, jovens, velhos, todo mundo e que tem esse domínio espiritual, não é só falar assim ah eu sou um pajé, eu quero ser um rezador porque eu acho bonito, porque eu gosto disso, não pra ser isso tem que ter esse domínio espiritualidade do nossos velhos dos nossos antepassados saber tudo isso, pai sabia na época que a maré dava peixe, a lua para fazer plantação, para colher e até para ganhar o neném como falei pouco tempo atrás ele sabia, e hoje as pessoas perde, as vezes nós sofre

muito pôr que não tem esses conhecimentos” (Alfredo Santana, aldeia Boca da Mata, janeiro de 2022).

Essas doenças que estava acontecendo hoje na nossa região, o pajé, antes de acontecer, já falava que isso iria acontecer, ele já previa estas doenças, vez que ele também já tinha passado por outras epidemias como, sarampo, varíola, coqueluche e muitas outras pragas que aconteceu nas aldeias pataxó.

Manoel Santana sempre alertava seu povo, pois ele busca no mundo espiritual e com suas rezas, os dons de orientação de seu povo, segundo meu pai ele previu alguns acontecimentos que aconteceu com nosso povo, principalmente quando o IBDF enganou os indígenas que iria demarcar o território pataxó, ele falou para o povo que nós iríamos ser enganados pelos homens brancos e isso aconteceu, e também falou que iríamos sair da beira do mar e conquistar um pedaço de terra para morar. Temos hoje nossa Terra Indígena em fase de demarcação e também dentro desse território já temos 8.627 hectares de terra demarcada como previu o pajé Manoel Santana.

Sua trajetória de luta, foi árdua e dentro do território Barra Velho, mas teve também suas conquistas bonita que deixar para seu povo pataxó de Boca da Mata, na saúde, na educação, e nos ensinamentos com a nossa mãe natureza, que é de preservar e continuar a lutar por nossos direitos, pelo nosso território, o respeito por nossas cultura, nossas tradições e costumes tradicionais. Santana é uma biblioteca viva, do povo pataxó, tenho tanto orgulho de poder ter conhecido ele, sei que minha vivência com ele enquanto neta e avó foi distante, mas meu carinho, respeito e muita admiração vão sempre estar comigo.

Meu sonho é finalizar meu trabalho e deixar registrado para escolas indígenas pataxó, para poderem trabalhar com as futuras gerações, jovens lideranças, acredito que eles conhecendo a trajetória de Santana através do meu trabalho, possam recontar sobre a luta e resistência desse guerreiro pataxó.

7 - Considerações Finais

Concluo minha pesquisa com muita alegria e aprendizados, a história de vida de Manoel Santana é um exemplo que devemos lutar sempre pelo que queremos, com a história de vida do meu avô aprendi que devemos ser persistentes, guerreiros e não desistir no primeiro obstáculo, gostaria de ter aprofundado mais nessa história, mas sei que ela não vai parar por aqui. Aprendi que para iniciarmos um novo ciclo devemos quebrar o que nos impede de progredir.

Quando iniciei a pesquisa imaginei que seria um desafio para mim, foi difícil chegar à conclusão que esse seria meu tema, mas tinha certeza que esse era o tema o qual queria desenvolver. Então através de conversas com meu pai e minhas irmãs e parentes tive o apoio para desenvolver essa pesquisa.

Foi a partir do FIEI que reforçou ainda mais a minha ideia e vontade de registrar uma biografia de um ancião, quando tive a honra de assistir apresentações de defesas de trabalhos dos alunos da antiga turma matemática 2014- 2018, dentre vários temas bons, com trabalhos excelentes, me interessei pelo trabalho da Edilande Jesus Soares, Valdirene Santos de Souza, vendo todos esses trabalhos potentes resolvi documentar a história do meu avô Manoel Santana.

Durante o desenvolvimento da pesquisa pude perceber que Santana junto com outros líderes lutaram para o desenvolvimento e estrutura da aldeia e bem estar de cada família de Boca da Mata, e para tudo acontecer tiveram que lutar muito, em busca de nossos direitos e deram o pontapé inicial para cada conquista que se tem dentro da comunidade.

Nada veio fácil, desde o início quando fundaram a aldeia até hoje, e para toda essa construção teve também muito sofrimento enfrentado por nossos anciões. Hoje podemos estudar em uma escola boa, utilizar energia, se consultar no posto de saúde e até mesmo trabalhar dentro da aldeia, graças aos nossos velhos que lutaram para buscar o melhor para seu povo.

Santana deixa um exemplo muito bonito para os jovens e pessoas da comunidade que é o incentivo pelos estudos, e através desses incentivos possibilitou que muitos jovens terminassem os estudos. Incentivou também o surgimento de jovens lideranças, de professores indígenas para nossas escolas e a valorização da cultura.

Com essa pesquisa concluo, que devemos avançar em nossos estudos e sair em busca de nossos direitos sobre nossos territórios. Através do meu trabalho pude conhecer a história de lutas e vivências do meu avô, e através também da minha pesquisa pude me aproximar do meu avô, pois não tive uma convivência, um proveito de poder compartilhar a vida como neta junto a ele.

E a pesquisa permitiu que eu quebrasse uma barreira que existia, me permitiu viver emoções que não teria vivido se não tivesse feito a pesquisa. Acredito que esse trabalho será de muita importância para a escola indígena de Boca da Mata e para a aldeia também, pois através dessa pesquisa muitos jovens vão conhecer um pouco sobre a história do pajé Manoel Santana.

8 - Perfil dos entrevistados

Cacique Jurandir (Araçari Pataxó)



Imagem 1: Fotografia de Josicleide Santana.

Jurandir Ferreira de Souza, nasceu dia 08/05/1962. No rio Jambreiro Caraíva, morou na Aldeia Mãe Barra Velha, depois foi para cidade com seus pais morou tempo fora da aldeia, depois voltou para Barra velha, depois de Barra velha veio para Boca da Mata logo no início quando estava criando a aldeia.

Saiu de Boca da Mata no ano de 99 para Aldeia Guaxuma, onde foi cacique por oito anos, foi primeiro cacique da aldeia Guaxuma. Atualmente mora na Aldeia Jitaí onde é cacique há 16 anos, e vem lutando por sua comunidade, buscando sempre o melhor para as famílias da aldeia na saúde, educação etc.

José Raimundo Santana (Patxyó)



Imagem 2: Fotografia de Josicleide Santana.

José Raimundo Santana (Patxyó). Nascido na aldeia Barra Velha, no dia 23 de Dezembro de 1963, quando criança morou na Aldeia Mãe Barra Velha e só quando constituiu família em 1980 veio para Boca da Mata.

Já presenciou várias lutas e conquistas do povo pataxó. Atualmente é professor de Patxohã, arte e cultura na escola indígena pataxó de boca da mata, onde trabalha a mais de dez anos. Em sua pratica docente exerce um trabalho de conscientização e uso da língua, é estudante universitário do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA).

Cacique Oziel Santana Ferreira (Guaru Pataxó)



Imagem 3: Fotografia de Josicleide Santana.

Oziel Santana Ferreira (cacique Guarú). Nascido dia 23 de outubro de 1959 na aldeia Campo do Boi próximo da aldeia Mãe barra velha, seu nome indígena é Guarú pataxó, atualmente mora na Aldeia pé do monte município de Porto Seguro é o cacique da aldeia, é um liderança que está sempre na luta pelo melhor pra sua aldeia, seu povo educação, saúde.

Cacique Carajá Pataxó



Imagem 4: fotografia de Josicleide Santana.

Ailton Alves dos Santos (Carajá pataxó). Cacique da aldeia Canto da Mata, nascido na aldeia Mãe Barra Velha, dia 23 de outubro 1960, tem 60 anos de idade. Quando criança saiu da aldeia juntamente com seus pais, tempo depois voltou para Barra Velha. Morou em Boca da Mata, de Boca da Mata foi morar em Coroa Vermelha, de lá foi embora para Aldeia canto da Mata em 1998 quando ocuparam a área.

Pessoa que já contribui e vem contribuindo até hoje com seu apoio à várias aldeias, em questão demarcação de terras indígenas na luta do povo pataxó, movimentos do povo e vem lutando sempre por nossos direitos.

Geraldo Alves do Espirito Banto (Cacique Macuco Pataxó)



Imagem 5: Fotografia de Josicleide Santana.

Geraldo Alves do Espirito Santo. Conhecido como cacique Nengo nascido na aldeia Barra Velha, dia 05 de abril, tem 59 anos é cacique da aldeia Aroeira há dezenove anos,

desde os 18 anos de idade lutou junto com seu irmão Benedito pela demarcação da terra de Coroa Vermelha, trabalhou dez anos depois saiu mais não se costumou ficar longe da luta do nosso povo. Hoje luta pela ampliação da terra de Aroeira.

Foi presidente do conselho de cacique por quatro anos, ajudou o povo do caramuru a resgatar seus direitos pela terra que estava engavetada a 40 anos no supremo. Na época que foi presidente do conselho de cacique lutou pela terra de Corumbauzinho que estava fora da identificação da terra indígena. E até hoje dar continuidade a esse trabalho de luta que é de todo território indígena.

Taiane Ferreira do Espirito Santo (Thayamehy Pataxó)



Imagem 6: Fotografia de Taiane Ferreira.

Taiane Ferreira do Espirito Santo. Thayamehy Pataxó, nascida em 09 de outubro de 1990, professora na escola indígena pataxó coroa vermelha e no colégio Estadual Anexo Juerana. Atualmente é coordenadora do conselho da juventude pataxó da Bahia-Conjunpab, formada em Ciências Humanas pelo IFBA e cursando a licenciatura Intercultural Para Educadores Indígenas na UFMG.

Alfredo Santana Ferreira (Currupixa)



Imagem 7: Fotografia Alfredo Santana.

Alfredo Santana Ferreira, nascido em 06/09/1973 na aldeia Barra velha onde morou com seus pais até 1985 depois vieram para Boca da mata a procura de terras para trabalhar com a agricultura.

Em 1989 foi eleito cacique de Boca da Mata, na época o cacique era escolhido pelos mais velhos, foi presidente do conselho de cacique da terra indígena Barra velha eleito por três vezes.

Em 2000 foi candidato a vice-prefeito de Porto Seguro pelo PT, e dando continuidade como presidente do conselho de cacique da terra indígena Barra Velha. estudante do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA).

Neiton Braz Vieira (Pisca)

Nasceu na aldeia Mãe Barra Velha onde cresceu e vive até hoje, foi cacique por dois anos, atualmente trabalha com agricultura e criação de gado. É liderança que vem junto com outros líderes reivindicando e buscando melhoria para sua aldeia.

